

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**FAMÍLIA E FRATRIA: SOCIALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS
FILHOS**

JULIANO GOMES

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Romanelli

RIBEIRÃO PRETO – SP

2022

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**FAMÍLIA E FRATRIA: SOCIALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS
FILHOS**

JULIANO GOMES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Romanelli

RIBEIRÃO PRETO – SP

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Gomes, Juliano.
Família e fratria: socialização e escolarização dos filhos. Ribeirão Preto, 2020.
X p.: qds.; fig; tabs.;

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Educação.
Orientador: Romanelli, Geraldo.

GOMES, J. **Família e fratria: socialização e escolarização dos filhos.** 2020. Xp. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2020.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

A Deus, ao meu pai (*in memoriam*),
a minha amada mãe, a minha família e todos
que fraternamente fizeram parte de meus processos
de socialização e escolarização até os dias atuais.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pelo dom da vida, pela vida da minha mãe, e dos meus irmãos – fratria na qual ocupo o lugar de caçula- pela minha missão como sacerdote da Igreja Católica, pois me permitiu desenvolver este trabalho com uso da razão e dar uma contribuição aos campos da família e da educação.

Eu gostaria de agradecer imensamente a todos que me incentivaram e me apoiaram nesse percurso acadêmico.

Ao Arcebispo Metropolitano de Ribeirão Preto, Dom Moacir Silva, que desde o início, com afetuosas expressões paternas, incentivou-me, acreditando em minha caminhada acadêmica.

Ao Prof. Dr. Geraldo Romanelli, que desde o princípio, ofereceu-me especial acolhida, com sabedoria e paciência, soube me acompanhar em momentos difíceis com terna compreensão e que por meio de inúmeras conversas e aulas transmitiu seu conhecimento e apontou o melhor caminho da pesquisa.

A Profa. Esp. Daniele Fernandes, por ser uma grande motivadora e fazer-me acreditar na conquista dessa etapa acadêmica

A Prof.^a Me. Bárbara Franco, por trilhamos juntos o caminho do mestrado em educação, pela amizade, por inúmeras palavras de encorajamento e partilha nos estudos.

Ao Cônego Pedro que desde a minha juventude me fez acreditar no sonho possível de estudar.

Ao meu sobrinho Prof. Júnior M. Gomes por acolher minhas experiências acadêmicas e me ajudar no processo de pesquisa.

Ao Prof. Me. Pe. Círio Alessandro Jacinto que me acolheu como docente nos cursos de Filosofia e Teologia no Centro de Estudos da Arquidiocese de Ribeirão Preto-SP e por sempre me encorajar no caminho da pesquisa.

A Prof.^a Dra. Soraya Romano Pacífico, Prof.^a Dra. Débora Piotto, Prof. Dr. Elmir Almeida e todos os funcionários da USP, particularmente, as secretárias Sandra Helena e Denise. Gratidão a todos que ajudaram em minha trajetória.

Sou grato igualmente a querida Ana Claudia pelas conversas, amizade e pelas contribuições e auxílio nas revisões das normas da ABNT que proporcionaram ao trabalho sua forma necessária.

A todos meus paroquianos e alunos, pela grande oportunidade da partilha e experiências que me oportunizaram na elaboração dessa pesquisa acadêmica.

“Não há democracia efetiva
sem um verdadeiro poder crítico”
Pierre Bourdieu

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar a participação de mães e pais na socialização e escolarização de filhos de ambos os sexos, que eram irmãos e que compunham uma fratria. O estudo em questão foi desenvolvido através de entrevistas com famílias cujos rendimentos giravam em torno de dois a quatro salários mínimos na época da pesquisa, com mais de um filho frequentando o ensino fundamental ou médio em escolas públicas da cidade de Serrana - SP. Procurou-se investigar como mães e pais atuam individualmente e em conjunto na socialização dos filhos, como orientam o processo de escolarização visando a futura inserção da prole no mercado de trabalho, se há estímulos para eventual continuidade dos estudos além do ensino médio, se há diferenças no modo como cada um dos genitores atua nesses processos e se participam de modo diferencial na orientação de filhos e filhas de acordo com a posição destes no interior da fratria. Os dados foram coletados através de entrevistas gravadas e transcritas integralmente, de acordo com roteiro semiestruturado e foram realizadas com cinco mães e cinco pais, no total de dez genitores e foram analisados com referenciais teóricos da sociologia e da antropologia.

Palavras-chave: Famílias de baixa renda, pais e filhos, fratria, socialização, escolarização, maternidade, paternidade, filho favorito.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze the participation of mothers and fathers in the socialization and schooling of children of both sexes, who are brothers and make up a fratria. The study in question was developed through research with low-income families whose income reaches five minimum salaries at the time of the research, with more than one child attending primary or secondary education in public schools in the city of Serrana - SP. It investigated how mothers and fathers act individually and together in the socialization of their children, how they guide the schooling process, aiming at the future insertion of the offspring in the labor market, if there are stimuli for eventual continuation of studies beyond high school, if there is differences in the way in which each of the parents acts in these processes and participate in a differential way in the orientation of sons and daughters according to their position within the fratria. It was also verified the possible existence of the favorite child. The data was collected through recorded interviews and transcribed integrally, according to a semi-structured script and was carried out with five mothers and five parents, in the total of ten parents and it was analyzed with theoretical references of sociology and anthropology.

Keywords: Low-income families, parents and children, fratria, socialization, schooling, maternity, paternity, favorite child.

LISTA DE FIGURAS

Quadro 1 – Caracterização das famílias dos entrevistados	39
Gráfico 1 – Declínio da taxa de fecundidade por mulher.....	59
Gráfico 2 – Taxa de analfabetismo das pessoas de 10 a 14 anos de idade	62
Gráfico 3 – Taxa de escolarização das pessoas de 6 a 14 anos de idade.....	62
Quadro 2 – Favoritismo entre as famílias entrevistadas.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I: FAMÍLIA E ESCOLA	16
1.1 A relação família e escola	16
1.2. Socialização e escolarização nas famílias	18
1.3 Fratria e gênero: socialização e o processo de escolarização.....	20
1.4. Escolarização em famílias de diferentes segmentos sociais.....	32
CAPÍTULO II: OBJETIVOS, METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS.....	36
2.1 Justificativa	36
2.2 Objetivo	36
2.3 Metodologia.....	36
2.3.1 Procedimentos	37
CAPÍTULO III: CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS	39
3.1 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa	39
3.2 Pedro e Maria	41
3.3 João e Madalena	45
3.4 Bartolomeu e Raquel	49
3.5 Tiago e Rute	52
3.6 Bento e Lúcia.....	55
CAPÍTULO IV: ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	59
4.1 Os perfis das famílias entrevistadas	59
4.2 As fratrias e as unidades escolares	60
4.3 O Processo de Socialização e Escolarização das fratrias	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
APÊNDICES	78
APÊNDICE A - Roteiro de entrevista	78
APÊNDICE B – Termo de consentimento Livre e esclarecido aos pais	81
ANEXO.....	83
ANEXO A – Documento de aprovação enviado pelo Comitê de Ética	83

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as relações entre família e escola têm abordado várias dimensões desses vínculos, mas nem sempre discutem e analisam a participação diferencial de pai e mãe nesse processo. De um lado, as pesquisas têm enfatizado a participação materna, ou maternagem, no processo socializador, enquanto a atuação do pai, ou paternagem, tem sido deixada em segundo plano. A mesma diferenciação ocorre na participação de mães e pais quanto ao processo de escolarização.

Os resultados de pesquisas revelam escassa atenção ao modo como o pai atua nesses processos considerando o gênero de cada integrante da prole e a ordem de nascimento, isto é, a posição dos filhos no interior das fratrias. Apesar dessa limitação na literatura científica algumas pesquisas indicam que os pais acreditam cuidar da socialização e escolarização dos integrantes da fratria de maneira igualitária.

Essas constatações, resultantes de levantamento bibliográfico sobre os processos socializador e educacional (LEAPER, 2002, SELLENET E PAQUE (2013); SELLENET (2014); BRENOE (2018); BARROSO, 2008, KLUGER (2006), ROMANELLI, 2013 BALARINI; ROMANELLI, 2012; BLACK, DEVEREUX, SALVANES, 2004; DESPLANQUES, 1981; GLÓRIA, 2005, 2007; ROMANELLI, 2011; FERNANDES 2007; LOBO, 2009), suscitaram questões sobre essa temática que constitui o objetivo central deste trabalho e que se agregaram às preocupações com a escolarização de crianças e adolescentes de famílias pobres e com minha ação pastoral.

A partir de observação diária, ainda que genérica do ponto de vista científico, na minha função de padre da cidade de Serrana-SP, tenho observado as necessidades das pessoas da população de baixa renda.

Serrana é uma cidade próxima a Ribeirão Preto e apresenta diversos problemas sociais. Um deles é a variação demográfica, já que o total da população oscila nos períodos de safra e entressafra da cana de açúcar. Segundo os últimos dados do IBGE em 2015, a cidade tinha 42.784 habitantes, mas, no período da safra, a população alcança aproximadamente 50.000 habitantes.

Ela é formada por pessoas naturais do município e também de migrantes oriundos de cidades do norte de Minas Gerais que se deslocam para Serrana em busca de trabalho nos períodos de colheita da cana de açúcar.

Por ser uma cidade rodeada de monocultura canavieira abriga muitas famílias que buscam também trabalho nas empresas ligadas ao agronegócio, no comércio local e na cidade

de Ribeirão Preto. E, além disso, ultimamente Serrana tem acolhido pessoas que se instalaram na cidade por conta de serem familiares de presos originários de outros municípios e encarcerados no Centro de Detenção Permanente localizado próximo do perímetro urbano serranense.

As famílias pobres vivenciam dificuldades diversas que podem inclusive comprometer a resposta dos alunos em relação às exigências das atividades escolares, já que as desigualdades sociais são reproduzidas nos ambientes escolares.

Os pais geralmente me procuram para pedir ajuda para resolverem suas dificuldades familiares. Entre os assuntos trazidos, são comuns os problemas na dinâmica familiar, na relação conjugal, na educação dos filhos, tanto do ponto de vista formal quanto informal. Muitas vezes fica evidente que o problema dos pais afeta diretamente a vida dos filhos.

Em famílias pertencentes às camadas populares e com problemas de convivência, já foi constatado tanto o fracasso escolar quanto casos de sucesso escolar, mesmo quando o Estado não oferece estruturas dignas e adequadas.

Nessa busca já iniciei um trabalho com as Pastorais da Família e da Educação, visando a ensinar valores que edifiquem e que possam contribuir para a formação dos filhos dessas famílias. A Pastoral da Família tem um olhar abrangente para todos os problemas familiares, enquanto a Pastoral da Educação tem maior raio de alcance, pois não fica restrito à região da comunidade religiosa e atinge várias unidades escolares municipais e estaduais da macrorregião de Ribeirão Preto – SP.

Na região de Franca – SP, a Pastoral da Educação já existe há 25 anos e trabalha junto à Pastoral do Menor. O trabalho realizado por ela não tem cunho religioso especificamente, pois visa à comunidade, colaborando com pais, filhos e educadores na transmissão dos valores humanos e competências socioemocionais, favorecendo o processo de socialização e escolarização de crianças e adolescentes.

O novo projeto da Pastoral em Franca conta com a “Escola de Cidadania” oferece meios para implementar nas escolas uma formação multidisciplinar a fim de orientar os alunos para a vivência da cidadania, com o objetivo de promover seu protagonismo quanto a questões sociais.

Sou responsável, desde 2016, por implementar esse trabalho nas escolas públicas da região de Ribeirão Preto. O trabalho piloto começou em 10 escolas públicas, sendo 7 estaduais e 3 municipais. No decorrer dos anos foi levado para demais escolas da cidade de Ribeirão Preto e para as outras localidades circunvizinhas que pertencem à Diretoria Regional de Ensino e secretaria municipais de Ensino. A iniciativa teve o apoio do Secretário de Estado

da Educação e da Dirigente Regional de Ensino de Ribeirão Preto e atualmente o projeto já alcançou 30 escolas públicas.

Nesse sentido, a realização desta pesquisa se conjuga em linhas gerais com a minha ação pastoral, podendo contribuir para aprimorá-la e, ao mesmo tempo, para fornecer subsídios para os estudos sobre fratria e também para temas associados a trabalhos sobre família e educação.

No entanto, é fundamental postular que tanto o trabalho pastoral quanto a investigação que desenvolvi, embora articulados entre si, constituem dois domínios distintos, de tal modo que a pesquisa seguiu os procedimentos acadêmicos que regem todo trabalho científico. Logo, ela teve o escopo de investigar, analisar e fazer emergir da realidade familiar o processo de socialização e escolarização, incorporando fundamentos teóricos da Antropologia e da Sociologia, com os quais esta pesquisa dialogou.

CAPÍTULO 1. FAMÍLIA E ESCOLA

No presente capítulo, será apresentada a relação entre família e escola, objeto de diversos estudos na literatura brasileira, mais precisamente no que se refere à influência da vida doméstica no processo de escolarização e escolhas profissionais dos filhos. Neste sentido, faz-se também necessário abordar aspectos como as mudanças observadas no núcleo familiar ao longo do tempo e as funções divididas entre família e escola, que abrangem dimensões sociais, políticas e educacionais.

1.1. Relação entre a família e escola

As famílias, independentemente de suas organizações internas, constituem unidades de reprodução biológica e social (BOURDIEU, 1997; DURHAM, 1983) e estão articuladas à esfera pública das atividades econômicas e à atuação e intervenção do Estado na dimensão privada da vida doméstica.

(...) famílias, ainda na dimensão da generalidade, são entidades onde ocorre a vida privada e seus integrantes são pessoas, dotados de atributos singulares, entre os quais a sociabilidade é regida por normas informais. A vida doméstica é impregnada de afetividade, caracterizada pela solidariedade e por tensões e hostilidades, e configura-se como local onde a criatividade individual tem maiores oportunidades de manifestação. Embora seja o local de privacidade, famílias não são imunes de determinações macroestruturais oriundas da esfera econômica e do Estado que mantêm com elas vínculos específicos, não determinados de modo mecânico e direto, os arranjos domésticos. (ROMANELLI, 2013 p.34).

Ao lado desses aspectos comuns, as famílias têm passado por várias mudanças como divórcios, queda no número de casamentos, novas formas de conjugalidade, diminuição da quantidade de filhos e emergência crescente de outros tipos de arranjos familiares (ITABORAÍ, 2017; MORAES, 2011; ROMANELLI, 2009, 2011; VAITSMAN (1994).

A família nuclear, formada por pais e filhos, convive atualmente com famílias chefiadas por mulheres; com famílias patrifocais, quando o pai vive com os filhos sem a presença da mãe; com famílias recompostas, criadas a partir de separação do casal e da constituição de outra unidade doméstica e ainda com unidades homoparentais.

Por outro lado, ter filhos tornou-se uma opção deliberada e não uma finalidade principal dos casais. Outros fatores, tais como a proibição do trabalho infantil, aumento no período de escolaridade também acarretaram inovações nas relações entre pais e filhos.

Outra mudança importante a ser destacada aconteceu nas relações internas da vida doméstica com redução relativa na desigualdade entre homens e mulheres, observando-se a valorização da individualidade de cada membro do casal e nas relações entre pais e filhos (ROMANELLI, 2011; VAITSMAN, 1994).

Conforme apontado por Romanelli (2003), a diversidade na composição de arranjos familiares promove organizações específicas na família, como modificações na relação entre pais e filhos, mudanças no processo de socialização e na escolarização.

Os estudos sobre família e educação contam com abordagens inovadoras tendo como fulcro a investigação interna desses dois objetos de estudo considerando que as características tanto das famílias quanto das escolas são heterogêneas e nelas são criadas formas de sociabilidade específicas. (ROMANELLI, 2013).

Ainda segundo Romanelli (2009), enquanto no interior da família, as relações entre seus integrantes são pessoais, próximas e fundadas em laços afetivos, decorrentes da convivência prolongada, nos estabelecimentos escolares as relações dos alunos com professores, funcionários administrativos e outros como diretor, coordenador pedagógico são formais e fundadas em critérios burocráticos e pedagógicos. Além disso, é necessário considerar que as relações entre alunos são pautadas por formas de sociabilidade informais e pessoais (CANDIDO, 1967) que envolvem vínculos de amizade, solidariedade e cooperação entre eles como fundam-se em competição, disputas e diferentes manifestações de *bullying*.

Por um lado, na literatura em geral sobre as relações entre pais e filhos o cuidado parental aparece como forma de assegurar a sobrevivência familiar, no que diz respeito à manutenção das condições básicas de alimentação, saúde, educação, lazer e moradia e educação formal dos filhos (BALARINI, 2012).

Por outro lado, nos trabalhos sobre o processo socializador nas famílias nota-se uma ênfase na ação materna, isto é, na maternagem, enquanto a participação do pai nesse processo, ou seja, a paternagem tem sido pouco estudada. Esses trabalhos mostram a mesma postura quanto à participação dos genitores na escolarização dos filhos, já que têm privilegiado a atuação materna, permanecendo também, em segundo plano, a presença e ação do pai na educação formal da prole (ROMANELLI, 2011).

Todavia, alguns estudos procuram analisar a diferença na socialização da prole e têm mostrado formas distintas da atuação dos pais no processo socializador de filhas e filhos

(CARVALHO; LOGES; SENKEVICS, 2016; CAVALCANTI; BARBOSA; CALDEIRA, 2012).

Embora as relações no interior da família sejam permeadas por vínculos afetivos, estes tanto contribuem para emergência de solidariedade, apoio, proteção, quanto podem gerar tensões, conflitos e disputas. Por isso, é necessário discutir e analisar os processos de socialização e escolarização no interior das famílias.

1.2. Socialização e escolarização nas famílias

A fim de realizar um estudo sociológico, é importante não deixar de lado a contribuição do sociólogo norte-americano Charles Wright Mills para fazer o exercício da imaginação sociológica. Tendo em vista que o ser humano não pode ser compreendido sem considerar seu contexto social, é necessário analisar as relações entre indivíduo e sociedade. A proposta da imaginação sociológica por Mills alerta que “para compreender as modificações de muitos ambientes pessoais, temos a necessidade de olharmos além deles” (MILLS, 1975, p.17) Tal como Mills, outro autor elucida a tarefa da sociologia nos tempos atuais:

A reflexão sociológica ocupa um papel central para a compreensão das forças sociais que vem transformando nossa vida nos dias de hoje. A vida social tornou-se episódica, fragmentária e marcada por novas incertezas, para cujo entendimento deve contribuir o pensamento sociológico criativo (GIDDENS, 2001, p.19).

Nesse sentido, o processo socializador consiste na incorporação de orientações culturais transmitidas pela família e por outras agências socializadoras, como instituições escolares e religiosas, meios de comunicação de massa e pelo grupo de pares formado por amigos de tal modo que “é só por meio da interiorização das vozes dos outros que podemos falar de nós mesmos. Se ninguém nos tivesse dirigido uma mensagem significativa vinda de fora, em nosso interior reinaria o silêncio” (BERGER, B. BERGER, 1980, p.54).

Segundo Setton:

[...] a socialização é entendida como uma área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade; na sua dimensão produtora difusora e reprodutora, a socialização pode enfatizar as instituições como matrizes de cultura, pode enfatizar as estratégias de transmissão e, portanto, de transformação dos grupos sociais bem como pode explorar as disposições de cultura incorporadas pelos indivíduos ao longo de suas experiências de vida. (SETTON, 2008, p. 1)

Ainda de acordo com Setton (2010), este processo socializador pode ser considerado um âmbito no qual se desenvolvem relações sociais diversas. Pode-se imaginar tal espaço com um campo baseado nas ligações dinâmicas entre as instituições e seus agentes, inseridos neste contexto de forma distinta em função dos recursos sociais, culturais e econômicos que possuem. Assim, o processo socializador deve ser compreendido como um fenômeno complexo e temporalmente estabelecido.

A socialização pode ser primária ou secundária. Ela é primária quando a pessoa é inserida, de maneira geral, na sociedade, e secundária quando a pessoa incorpora orientações diversas, à medida que passa a conviver em contextos sociais específicos. E, além disso, a socialização faz a ligação entre o microcosmo familiar e o macrocosmo, isto é, ela torna a pessoa capaz de estabelecer contato com o universo social mais amplo (BERGER, B. BERGER, 1980).

As instituições escola e família constituem, assim, agências educativas e socializadoras, que apresentam tanto pontos de convergência quanto de divergência. Apesar de dividirem procedimentos para formar o desenvolvimento das habilidades do educando são diferentes nas atividades de ensino, visto que a escola possui o papel de ensinar conteúdos escolares considerados essenciais para a instrução de novas gerações, enquanto que as famílias são responsáveis pelas funções ligadas à orientações morais, sociais e afetivas, ao menos, idealmente (PEREZ, 2009).

No caso específico da família, que representa um dos ambientes iniciais de socialização, Dessen e Polonia apontam que:

[...] é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa (DESSEN; POLONIA, 2007, p.22).

Para Souza e Filho (2008), o contexto familiar é o ponto primário da ligação direta entre seus membros, onde o indivíduo cresce, age, evolui, demonstra seus sentimentos, recebe as primeiras recompensas e punições, forma a primeira imagem de si e seus primeiros

exemplos de comportamento, fato que fortalece a formação de uma ‘base de personalidade’ e atua como elemento fundamental no desenvolvimento da consciência, que também depende de influências subsequentes. Além disso, o pertencimento a determinado núcleo familiar permite que a criança tenha noções de poder e hierarquia, possibilitando também o aprendizado de habilidades variadas, que incluem: fala, organização de pensamentos, adaptação a circunstâncias diversas, flexibilização e negociação.

No entanto, esse processo não significa que crianças e adolescentes incorporem integralmente o conjunto de orientações transmitidas pela família ou por outros agentes socializadores. As pesquisas têm demonstrado que os filhos reagem de diferentes formas à ação socializadora e são atores que recriam orientações culturais (MARCHI, 2011; MONTANDON, 2005).

Desse modo, orientações e mesmo pressões parentais, quer na forma verbal, quer mediante punições e restrições à atuação dos filhos não têm o condão de fazer com que eles acatem, incorporem e reproduzam a vontade dos pais. Por essa razão, o processo socializador apresenta um caráter de tensões e conflitos entre pais e filhos, revelador do complexo processo com que estes vão construindo sua identidade e sua subjetividade.

É pertinente considerar, simultaneamente, que os pais, no decorrer do tempo, adquirem experiência na socialização dos filhos, sendo estes jamais criados pelos mesmos parâmetros. Como aponta Lahire (1997), uma família e seus integrantes nunca são os mesmos e a relação entre pais e filhos não é homogênea, seja em função de novas experiências no âmbito privado, seja no modo como filhos e filhas são socializados distintamente.

A escola sempre encontrou, ao longo da história, dificuldades em trabalhar com famílias diversas socialmente e não consegue quebrar a lógica que reproduz a desigualdade. Contudo, com o passar do tempo, a sociologia passou a ter um olhar mais cuidadoso sobre as relações escolares, fazendo com que determinados aspectos, antes negligenciados, se tornassem mais relevantes (TAVARES; NOGUEIRA, 2013).

Ainda segundo Tavares e Nogueira (2013), a análise de aspectos como gênero, histórico familiar e costumes, fez com que os sociólogos identificassem a diversidade de famílias presentes no mesmo contexto social. Compreender a relação família e escola a partir da relação classe social e sucesso/fracasso torna-se insuficiente. Assim, estudos passam a verificar os efeitos das estratégias e práticas familiares na escolarização dos filhos, analisando os “microespaços” das relações das famílias entre si e também junto à escola.

1.3 Fratria e gênero: socialização e o processo de escolarização

Há dois aspectos relevantes para o processo de socialização e escolarização dos filhos. Um deles refere-se à ordem de nascimento destes, ou seja, à posição de cada um deles no interior da fratria e o modo como pai e mãe orientam e promovem a socialização e a escolarização da prole. Outra dimensão remete às relações de gênero no interior das famílias, o que envolve tanto o relacionamento diferencial de pai e mãe frente ao processo socializador e de escolarização de filhos e filhas.

No sentido mais geral, fratria refere-se ao conjunto de irmãos, filhos da mesma mãe e do mesmo pai, isto é, ao modo de composição da família nuclear constituída pelo casal e seus filhos biológicos. No entanto, as relações entre pais e filhos e entre irmãos passaram por transformações ao longo da história das sociedades ocidentais e que é aqui retomada de modo sintético para melhor situar os vínculos atuais presentes no interior das fratrias.

A partir de um olhar nas fontes históricas pode-se apontar algumas nuances sobre a relação entre irmãos. Pouco estudadas, as fratrias estão muito presentes nos romances sobre família. Encontra-se nas mitologias antigas, nos relatos cristãos, na tradição oral e nos provérbios e contos o vínculo entre irmãos e irmãs com um papel importante nas relações humanas.

Do ponto de vista da antropologia estrutural, os historiadores do parentesco concentraram sua atenção principalmente nos pais e na aliança, e os irmãos e irmãs aparecem como os "pais pobres" do romance de família. No entanto, não se pode explicar o silêncio dos historiadores sobre o assunto pela pobreza das fontes. Basta observar as trajetórias dos legados testamentários, os principais atores envolvidos na transferência de propriedades ou com milagres na documentação hagiográfica, os sentimentos encenados na literatura, diários, correspondência, etc., para se convencer - cria que irmãos estão presentes na história (LETT, 2012, tradução nossa).

Para investigar os dados da história, considerando as antigas sociedades, torna-se importante recordar que havia uma baixa expectativa de vida, por isso a convivência entre irmãos e irmãs era mais duradoura do que entre pais e filhos. Tendo em vista a alta mortalidade dos pais os laços fraternos se fortaleciam com a ausência dos progenitores. Tal situação pode ser observada até início do século XIX, quando a Europa passou a viver um alto crescimento demográfico, devido à queda da mortalidade (LETT, 2012, tradução nossa).

A história e a antropologia das sociedades ocidentais, como a sociologia, incluindo a sociologia da família, abordaram com mais frequência o estudo de irmãos não como uma configuração específica. Questionando as razões dessa lacuna, a socióloga Monique Buisson

(2003) propõe várias hipóteses, incluindo as dificuldades metodológicas específicas da coleta de dados.

As migrações, tanto por motivos de busca de trabalho quanto em função das uniões matrimoniais, tornam difícil e às vezes impossível reconstruir a trajetória de cada um dos irmãos, uma dificuldade conhecida pelos historiadores. A esses problemas metodológicos, sem dúvida, deve-se acrescentar uma segunda razão: a sociologia da família há muito ignora os irmãos porque eles não constituem um problema social, diferentemente das questões de parentesco (paternidade, maternidade, adoção) ou aliança (casamento, divórcio) que contestam diretamente a lei, as políticas familiares e os serviços sociais. Na França, as relações fraternas não são objeto de legislação específica, nenhuma obrigação legal de solidariedade foi estabelecida entre os irmãos (FINE, 2012).

O mesmo ocorre na sociedade brasileira atual, que tem passado por mudanças intensas na organização e composição da vida doméstica e que repercutem no seio das fratrias, estendendo seus limites.

É o que se registra no caso de separação do casal ou em situação de viuvez, quando os ex-cônjuges podem se unir a outros parceiros com os quais poderão ter filhos. Estes serão meio irmãos dos filhos das uniões anteriores de sua mãe ou de seu pai.

Para poder abarcar situações como essas, Poittevin (2006, tradução nossa) esclarece que os filhos de um único dos membros do casal - da mãe ou do pai - embora não sejam totalmente parentes consanguíneos, são meio irmãos e fazem parte de fratrias denominadas mistas.

Embora os filhos adotivos não sejam fruto da reprodução biológica do casal que os adota são incorporados como filhos no interior dessas famílias e como irmãos pelos filhos biológicos do casal.

Nas famílias com filhos adotados estabelecem-se vínculos de afetos criados e mantidos na convivência cotidiana familiar, o que evidencia que laços afetivos, de solidariedade e de pertencimento a uma unidade não se fundam somente em dados biológicos, mas são criados e mantidos no relacionamento entre diversos membros da família, como já evidenciaram Balarini e Romanelli (2012) e Watarai (2009).

Certamente os vínculos familiares nessas famílias, assim como em todas as outras, não são pautados apenas por laços positivos de afetividade, solidariedade, mas convivem com disputas e tensões entre todos os integrantes das unidades domésticas.

Por isso, pode-se considerar a fratria como unidade que incorpora irmãos plenos, filhos do mesmo pai e da mesma mãe, meios irmãos e ainda filhos adotados, que se tornam igualmente aparentados aos pais que os adotam.

Ampliando a busca de entendimento da composição das fratrias e dos modos de relacionamento de seus integrantes, deve-se ainda considerar como Poittevin (2006, tradução nossa) analisa o local de moradia dos meios irmãos.

De modo geral na sociedade brasileira atual, após a separação do casal os filhos tendem a ficar residindo com a mãe, embora haja a possibilidade de guarda compartilhada ou de guarda dos filhos atribuída ao pai, o que resulta em nova configuração familiar, qual seja a emergência de famílias patrifocais.

Se a mãe mantém a guarda dos filhos da união anterior, poderá ter filhos com o novo parceiro, o que resultará numa fratria mista, cujos irmãos e meios irmãos ocupam uma residência comum, ou seja, a do novo casal. O mesmo não ocorre quando o pai tem filhos do primeiro casamento e com a segunda esposa pois nesse caso, os filhos da primeira união do genitor residirão com sua mãe e não com seus meios irmãos, frutos da segunda união do pai.

E ainda ampliando a análise desse caso, os filhos que a segunda esposa teve de seu relacionamento anterior serão meios irmãos dos filhos de sua segunda união. Estes, por sua vez, não terão à primeira vista nenhum vínculo de parentesco com os filhos da segunda união da ex-mulher de seu parceiro atual, mas são denominados por Poittevin (2006, tradução nossa) de quase irmãos e de irmãos políticos por Wagner (2001).

Embora vivendo em moradias distintas os quase irmãos, pouco pesquisados e analisados na literatura brasileira, podem manter relações de relativa proximidade e de solidariedade como é analisado por Poittevin (2006, tradução nossa).

A realidade doméstica dessas situações não cabe nos modelos convencionais de relacionamentos familiares, isto é, entre marido e esposa, entre ex-cônjuges e entre irmãos filhos de diferentes pais e mães e indicam a complexidade das fratrias e das formas de relacionamento entre pais e mães de filhos com parceiros distintos e de diferentes modalidades de irmãos.

Trata-se, portanto, de uma rede de novas relações de parentesco criadas a partir da dissolução de primeiras uniões e da constituição de novos relacionamentos, o que cria uma verdadeira constelação familiar, tal como são denominadas por Théry (1995) e que compõem as famílias recompostas.

Assim, as fratrias exibem uma complexidade gerada pela formação de novos arranjos familiares e o aspecto mais importante são os afetos criados entre pais e filhos, e a família que os acolhe, independentemente do estatuto de cada filho.

Em sua pesquisa, Silveira (2002), argumenta que os laços fraternos são a relação mais duradoura no sistema familiar, pois permanecem mesmo após a morte dos pais e a fratria não pode ser desfeita, não existem ex-irmãos e há um estatuto de permanência transgeracional.

As estatísticas dos Estados Unidos da América e da Europa apontam para que cerca de 80% das crianças crescem num meio familiar que inclui irmãos (Dunn, 1983). Em muitas culturas, os irmãos mais novos são criados pelos mais velhos, daí que o tempo que os filhos passam juntos, durante os primeiros anos de vida, é muito superior ao tempo que passam com os pais (Dunn, 1984/1986). Mesmo nas sociedades industrializadas, e sobretudo quando as crianças tem idades muito próximas, o facto de frequentarem a mesma creche, o mesmo infantário, a mesma escola... faz com que elas se mantenham em contacto durante grande parte do dia – e, portanto, durante mais horas do que aquelas que permanecem com os progenitores. E, depois, a relação entre os irmãos é, normalmente, a mais extensa, no tempo: "os pais morrem mais cedo, os cônjuges vêm mais tarde, os amigos mudam" ((FERNANDES, 2000).

De acordo com as pesquisas de Régnier-Loilier (2012), sobretudo quando visam analisar a composição sexual da fratria, há integração mais forte entre as mulheres. Principalmente após os 50 anos, a mulheres vêm o pai e a mãe numa frequência de encontros significativamente maior. Na maioria das vezes são mulheres que cuidam dos pais idosos ou enfermos.

Ampliando o estudo sobre fratrias, Lobo (2009) apresenta as nuances do relacionamento de irmãos, meios-irmãos e quase-irmãos que são os filhos do padrasto ou da madrasta com outros parceiros.

Os filhos únicos não ocupam uma posição fraternal, o que poderia dispensar análise nesta pesquisa. Entretanto, existem tipos de filhos únicos. Nos estudos de Fernandes (2000) encontra-se o filho único autêntico, pois nunca fez parte de uma fratria e aquele se tornou único após a morte dos irmãos.

Já o quase-único ou único funcional consiste naquele que tem uma grande diferença de idade em relação aos irmãos, ou seja, um irmão mais velho que está num espaço de anos consideravelmente elevado em relação à ordem de nascimento do restante da fratria ou do irmão do meio distanciando do anterior, e por fim o mais novo que nasceu anos depois do penúltimo filho da família.

Filhos provenientes de casamentos anteriores aumentam a complexidade das dinâmicas familiares, as quais apresentam necessidades de novas qualificações e definições dos estatutos dos pais, mães, padrastos e madrastas (LOBO, 2009). Lett (2012, tradução nossa) afirma que embora os irmãos sociais não tenham laços consanguíneos, isso não quer dizer que haverá uma distância emocional entre eles.

Uma tarefa necessária para famílias é situar os filhos no contexto da segunda união, partilhando memórias familiares, para que eles se sintam integrados nesse grupo de "cúmplices", na nova família (LOBO, 2009). Há nesse sentido, uma expansão do conceito de família, capaz de abranger diversos arranjos.

Muito embora os pais afirmem que dispensam os mesmos cuidados e atenção na socialização e no empenho quanto à escolarização dos filhos, alguns estudos questionam essa avaliação parental. Nesse sentido, alguns trabalhos investigaram e analisaram que o modo pelo qual os genitores se dedicam à socialização e à escolarização dos filhos é variável conforme a ordem de nascimento deles.

Barroso (2008) propõe uma reflexão a partir de suas pesquisas quando constata que os pais dizem oferecer um tratamento igualitário para os filhos, mas no cotidiano há uma prática diferenciada, o que também foi constatado por Balarini e Romanelli (2012).

Sellenet e Paque (2013) apresentam, como fruto de pesquisa uma perspectiva de análise na qual elencam a constatação de pais que não percebem e não admitem a preferência entre os membros de uma fratria e mostram que quando os pais são questionados a respeito se há o filho favorito, tendem a negar o favoritismo.

Barroso (2008) aponta que existem na história períodos baseados na legitimação de um tratamento diferenciado entre irmãos/irmãs. A ordem de nascimento e o sexo, que privilegiavam o filho mais velho e os homens, respectivamente, eram os parâmetros para definição de direitos e deveres no contexto fraternal e familiar.

Alguns pesquisadores acreditam que a alteração nos direitos do primogênito resultou da ideologia igualitarista originada na Revolução Francesa que colocou em pauta os Direitos Humanos e dos princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Outros, por sua vez, aludem o início desta crença a períodos mais antigos, indicando que a igualdade de tratamento dos indivíduos é uma das bases do Cristianismo.

Apesar disso, dificilmente os pais conseguiriam aplicar o tratamento igualitário a todos os filhos, visto que o nascimento e desenvolvimento de cada um acontecem em períodos e contextos distintos de suas vidas, podendo ser observados, entre outros aspectos, processos de amadurecimento emocional e ascensão social, elementos que estabelecerão vivências

diferenciadas, bem como formas de tratamento desiguais por parte dos pais, de maneira praticamente involuntária (BARROSO, 2008).

Kluger (2006) considera que um dos temas mais polêmicos na questão da fratria é o favoritismo. Há culpa por parte dos pais em relação à preferência, que é comumente notada e raramente admitida. Se isso existe, afirma o autor, a culpa talvez não seja dos pais, mas sim do fluxo da vida familiar.

A família constitui-se desde o início e permanece sendo uma unidade de sobrevivência; os pais cuidam dos filhos e estes procuram dar continuidade à família gerando descendentes. Porém, os recursos que tornam possíveis estes “combinados” são limitados. Os pais são preparados no decorrer dos relacionamentos com os filhos para notar qual deles aparenta ser mais merecedor de benefícios que podem ser de diversas ordens.

Estes podem situar-se no campo dos afetos, quando pai ou mãe dedicam mais atenção e expressões acolhedoras a determinado filho, podem ser na doação de bens materiais e ainda de favorecer o processo de escolarização de um filho.

Por este motivo é importante levar em conta aspectos referentes à ordem de nascimento e ao gênero dos filhos para melhor se discutir e apreender as diferenças que permeiam o tratamento dos filhos.

A posição ocupada pelo filho na fratria influencia sua escolarização, resultando em processos de socialização e educação desiguais, que se formam no espaço familiar e possivelmente exercem impacto na trajetória e destino escolar dos filhos (GLORIA, 2010).

Desplanques (1981) argumenta que o filho primogênito tem melhor desempenho escolar pelo fato de dedicarem mais tempo a ele. Um estudo realizado na Noruega, por Blank, Devereux e Salvanes (2004) revelou dados significativos, que apontaram que o primogênito tende a alcançar melhor desempenho escolar quando comparado com os caçulas.

Em interlocução com esses autores, Romanelli (2003) apresenta um dado alternativo, inferindo que os filhos caçulas poderiam encontrar seus pais mais amadurecidos e com melhores recursos financeiros, o que proporcionaria a eles maior investimento parental em sua escolarização. Na relação entre os filhos primogênitos e os mais novos, estes seriam beneficiados por aqueles que teriam mais experiência para transmitir aos irmãos mais novos.

Ainda no âmbito socioeconômico, há o fato de que em camadas populares, os filhos mais velhos, geralmente, apresentam maior dificuldade para os estudos, sendo comum que o primogênito ingresse de maneira precoce no mercado de trabalho, para contribuir com a renda familiar ou que a primogênita tome a frente dos trabalhos domésticos e cuidado com os

irmãos mais novos. Nestas situações, também se verifica o favorecimento dos caçulas no que diz respeito à escolaridade.

Glória (2010) por sua vez, sustenta que os poucos estudos voltados para análise do lugar ocupado na fratria apresentam convergência nos resultados ao evidenciar que os filhos mais velhos são favorecidos no processo de escolarização, comumente pelo fato de que, por algum tempo, foram filhos únicos, o que implica em mais atenção e dedicação parental. Os primogênitos também recebem maiores exigências, inclusive em relação aos rendimentos escolares, o que os leva a também se cobrarem e, conseqüentemente, estudarem mais e obter melhores resultados.

Igualmente relevante no processo de escolarização é a influência de irmãos mais velhos (ROMANELLI, 2011; BALARINI e ROMANELLI, 2012), que podem caminhar no sentido de amparo, proteção e orientação dos mais novos, quanto podem gerar conflitos e competições entre os integrantes de uma mesma fratria.

De acordo com as pesquisas de Piotto (2010) e Romanelli (2004, 2013) nas relações entre pais e filhos, a expressão dos afetos e os medos e sofrimentos decorrentes da experiência escolar dos pais, podem influenciar na orientação do da trajetória escolar das fratrias.

Observando o pai e a mãe, visando a contribuição para a trajetória escolar dos filhos, Martuccelli (2007) infere que a origem social e a escolaridade da mãe são fatores importantes na análise do sucesso escolar, uma vez que mãe é mais presente no acompanhamento escolar dos filhos

Além disso, deve-se considerar as relações intergeracionais no processo socializador mediante a participação dos avós, sobretudo do lado materno, que tende a garantir a permanência de um elo entre pais e filhos, mesmo quando há a separação do casal (LOBO, 2009).

Lehmann et al (2016) indica que uma explicação possível para a relação negativa entre ordem de nascimento e desempenho educacional é uma mudança significativa na criação, especialmente no que diz respeito à capacidade dos pais em promover o desenvolvimento cognitivo precoce. Esta mudança no comportamento, bem como a falta de quaisquer diferenças na qualidade do suporte emocional, converge com a explicação de que os pais optam por preterir aquilo que não consideram necessidades essenciais na criação dos filhos nascidos posteriormente.

Lições adquiridas por meio de experiências, restrições de tempo, recursos e atenção demandam ajustes nas atitudes e crenças do que se é possível alcançar enquanto pais. Estas transformações comportamentais parecem colocar os filhos mais novos em um caminho

inferior de desenvolvimento cognitivo e desempenho acadêmico, com impacto duradouro nos adultos em que os filhos se transformarão.

A análise da influência da ordem de nascimento demanda outros estudos que integrem diferentes variáveis, como a questão social e o tamanho da família, visto se tratar de uma questão bastante abrangente. No subitem abaixo, será abordada o fator gênero, que também influenciam significativamente a criação e escolarização da fratria.

Ao lado dessas análises, Sellenet e Paque (2013) questionam as afirmações dos genitores que negam tratamento diferenciado nos cuidados e dedicação aos filhos, mostrando que os pais elegem um de seus filhos como o preferido e que essas preferências são variáveis ao longo do tempo; de tal modo que aquele que é escolhido como preferido num momento pode ser substituído por outro, dependendo das necessidades materiais e emocionais de cada membro da prole.

Todavia as formas de sociabilidade na família e os cuidados e orientações dos pais apresentam aspectos distintos que nem sempre eles tendem a perceber e a expressar. Na realidade, os genitores mostram, para outros e para si mesmos, que dispensam tratamento igual para filhos, independentemente do sexo e da ordem de nascimento.

Assim, alguns pais não admitem sua preferência por um dos filhos, outros não percebem diferenças no tratamento e na relação com os membros da prole, o que tanto pode indicar a inexistência de postura diferencial como pode ocultar e mesmo negar tal preferência. Contudo, a existência do filho preferido é igualmente documentada por Badinter (1980) e por Ariès (2006).

A preferência pelo primogênito na transmissão da herança familiar persistiu até o século XVII. Após este período de "privilégio", mais concretamente no século XVIII, começou a esboçar-se uma nova estrutura familiar que segundo Ariès (2006, p. 162) a "igualdade entre os filhos de uma família é uma prova de um movimento gradual de família-casa em direção à família sentimental moderna" (ARIÈS, 2006)

Sellenet e Paque (2013) após realizarem 55 entrevistas com pais perceberam que 80% demonstra a preferência por um filho, embora o amor parental também seja vivido e expressado nas relações com os demais membros da fratria.

Os pais buscam gerir a relação com os filhos não visando o difícil igualitarismo, mas a responder a necessidades individuais de cada um.

A preferência vai primeiro ao idêntico, à mímica física ou psíquica, a esse espelho tingido de narcisismo. Há algo de auto-busca no outro. Os pais falam em "afinidades", termo mais socialmente aceitável. Há também o que chamamos de

“preferência vencedora”. O pai projeta na criança mais brilhante o que ele mesmo não conseguiu fazer. As variáveis de sexo (finalmente uma menina!), lugar na família (o primeiro filho que o torna pai, o mais novo que marca o fim da vida procriativa), carreira biográfica (o filho de uma história de amor nascente). E uma possível deficiência. Esse favoritismo compensatório é, aliás, o único que não suscita opróbrio. Finalmente, o favorito pode ser o filho particularmente “fácil” de criar e, portanto, muito gratificante, porque torna o pai competente desde o início e o impede de duvidar de si mesmo. (SELLENET, 2014. p.02, tradução nossa)

Sellenet (2014, tradução nossa) aponta que as crianças favorecidas podem experimentar benefícios, pois o favoritismo é muitas vezes claramente percebido e expresso por outros membros da fratria. O olhar nos olhos do pai ou da mãe lhe diz que ela é a primeira escolha e que ela sabe que é a primeira escolha, o que lhe dá uma sólida autoestima. Assim, as crianças não duvidam do seu valor, desenvolvem habilidades e podem ser “queridinhas” para seus professores até mesmo na escola.

Entretanto, ser filho favorito pode ser tanto uma vantagem quanto um fardo. A valorização, é feita em detrimento dos outros irmãos e tende a desencadear sentimento de culpa. Isso gera medo e muita apreensão já que aquele que é o preferido deve cumprir as expectativas dos pais, não pode decepcioná-los, para não perder o lugar de destaque e pode acarretar uma dívida emocional em relação aos demais irmãos (Sellenet, 2014, tradução nossa)

De qualquer modo a contribuição de Sellenet, Paque (2013) colocam em pauta uma dimensão da vida familiar, do amor parental bastante complexa, penosa para ser admitida por mães e pais e igualmente difícil de ser pesquisada e estudada sem vieses e sem posturas pré-definidas. E por tudo isso restam duas indagações. Pais realmente tem preferência por um dos filhos? E se tem por que procuram negar tal preferência?

Por mais instigante que seja tal indagação não é propósito desta pesquisa propor explicações para tal problemática. O que se pretende é colocar em pauta essa dimensão frequentemente oculta e mesmo negada das relações afetivas do núcleo parental em relação aos integrantes da fratria e tentar apreender se nas famílias estudadas há preferência parental por um dos filhos.

Deve-se ainda considerar as relações intergeracionais no processo socializador mediante a participação dos avós, sobretudo do lado materno, que tende a garantir a permanência de um elo entre pais e filhos, mesmo quando há a separação do casal (LOBO, 2009).

Além disso, segundo Barroso (2008) o sexo ainda se apresenta como um dos principais critérios de construção e desconstrução da igualdade de direitos e deveres entre irmãos/irmãs. Esta ideia é corroborada por Itaboraí (2017), que destaca que existem lógicas

dísparos de distribuição de responsabilidades no grupo familiar, conforme uma hierarquia. Tal afirmação fica nítida em estudos que demonstram, no caso de famílias de camadas populares, que a trajetória pessoal da filha mais velha pode ser afetada devido à necessidade de assumir funções domésticas na ausência da mãe ou que o filho mais velho comumente assume o papel de provedor diante da ausência do pai.

Por isso é necessário incluir a análise das relações de gênero. Inicialmente, vale destacar que, em sua extensão gramatical, o termo “gênero” define seres de sexos diferentes (masculino/feminino) ou coisas sexuadas, contudo, na maneira como vem sendo utilizado nos últimos anos, o termo adquiriu novas características: reforça a ideia de cultura, coloca-se no plano social, diferentemente do conceito de “sexo”, que se encontra no contexto biológico. O surgimento do caráter relacional do gênero ocasionou a revisão dos estudos voltados para as mulheres e evidenciou a necessidade de estudos sobre relações de gênero, dado que a história das mulheres não pode ser analisada de forma separada da história dos homens (ARAÚJO, 2005).

Para Connell (1996 apud TOLEDO; CARVALHO, 2018), os conceitos de masculinidade e feminilidade são criações históricas que diferem conforme os cenários sociais e culturais. Além disso, a autora aponta que masculinidades existem em níveis coletivos e é possível defini-las e sustenta-las em normas institucionais, abrangendo estruturas simbólicas, relações de poder e divisão de trabalho. A partir desta visão, a escola não é somente reprodutora de ideias de masculinidade e feminilidade surgidas em outras instituições, mas também um *locus* onde se produzem noções de gênero em suas estruturas e práticas diárias.

Em pesquisas voltadas para a relação entre escola e gênero, evidencia-se a complexidade no entendimento das diferenças de desempenho de meninos e meninas, para além das justificativas baseadas no binarismo “atividade” e “passividade”.

Relações de gênero implicam em relações de poder entre homens e mulheres e a representação da superioridade masculina é construída nas relações familiares, no processo socializador e é acompanhada e reforçada nos demais contextos sociais, nas relações entre amigos, na escola, através dos meios de comunicação, das religiões e de instituições sociais e políticas, através de diferentes mecanismos da ação do Estado.

É sobretudo na família que se constitui a identidade de gênero de meninos e meninas que irão organizar a sua existência assumindo posturas masculinas ou femininas independente do sexo biológico de cada um. Desse modo, a identidade de gênero constitui-se como produto de relações sociais que codificam culturalmente o que é, ou deve ser, próprio de cada sexo.

Já considerando os estudos sobre a relação família e escola na perspectiva da identidade de gênero, torna-se relevante analisar o lugar e a atribuição da função de cada membro da unidade doméstica. O pai geralmente mediante a sua identificação como autoridade e provedor tende a se afastar da cena doméstica, reduzindo sua contribuição na escolarização dos filhos. É igualmente relevante destacar o processo socializador nas famílias, sobretudo quando oferece uma série de orientações e referências que influenciam na configuração da identidade de gênero da fratria, ou seja, o que significa ser homem e ser mulher.

Nesse sentido o estudo de Gilligan (1982) mostra e analisa como o processo socializador prepara as meninas para aprenderem a desempenhar afazeres domésticos considerados femininos o que contribui decisivamente para conformar o que é considerado identidade de gênero feminina.

As análises das relações no interior da fratria demandam considerar a relação entre gênero e educação escolar. Lahire (1997, p. 346) mostra a necessidade de se “reconhecer as diferenças sexuais como diferenças plenamente sociais que entram em jogo na compreensão dos matizes do percurso escolar no seio de uma mesma fratria”.

Estudos cujo enfoque recaem sobre as práticas educativas familiares em relação ao gênero dos filhos apontam que são diversos os fatores que influenciam as interações entre pais e filhos, “como a relação de apego, a forma de comunicação, a identidade e a tipificação sexual, os papéis de homens e mulheres socialmente esperados, além das expectativas parentais acerca do sexo de seu filho” (SAMPAIO, 2007, p. 145).

A este respeito, Brenoe (2018) sugere que mães e pais com filhos e filhas se dedicam mais na socialização dos filhos do mesmo sexo que os seus e, por este motivo, os expõe a um comportamento mais estereotipado em relação ao gênero, do que os pais de filhos do mesmo sexo, o que, por sua vez, pode resultar em uma transmissão mais forte de normas de gênero.

Visto que a maior parte dos filhos enxergam os pais como modelo para sua identidade de gênero, uma das primeiras orientações socializadoras transmitida na prática das relações familiares será a de que as mulheres cuidam dos filhos. Esta observação é, de forma subsequente, legitimada quando as meninas tipicamente brincam de casinha e cuidam de bonecas.

A ideia de que as orientações parentais podem influenciar o desenvolvimento das concepções de gênero é sustentado pela descoberta de que filhas de lares matrifocais, em que a mãe vive sem um parceiro tendem a ter menos probabilidade de assumir estereótipos tradicionais de gênero. Ao ver uma mãe que é primariamente a chefe da família e ao mesmo

tempo uma cuidadora, as filhas enxergam um modelo expandido para mulheres. Filhos de mães solteiras apresentam menos probabilidade de demonstrarem estereótipos de gênero reduzidos – talvez porque não sejam expostos a um modelo não tradicional de pessoas do mesmo sexo (LEAPER, 2002).

Glória (2005 apud SAMPAIO, 2010) salienta que atitudes parentais divergentes na expectativa da escolaridade de filhos homens ou mulheres são mais nítidas em camadas menos favorecidas e de menos instrução. Contudo, em grupos mais favorecidos, não são observadas diferenças significativas quanto ao sucesso almejado pelos pais para os filhos, sejam homens ou mulheres.

O que é questionado, entretanto, refere-se ao fato de que muitas mulheres se graduam em cursos considerados menos exigentes e que oferecem qualificação para o exercício de profissões de baixa remuneração.

Apesar de investir na filha e no filho, o pai aparenta apoiar mais ativamente o filho, ao passo que a mãe se comunica um pouco mais com a menina. A atividade maternal, aparentemente, não influencia os meninos de maneira específica, mas as mães se mostram mais ambiciosas quanto à trajetória escolar das filhas quando elas próprias são profissionais ativas.

Os estudos mencionados indicam a complexidade das relações entre pais e filhos de acordo com ordem de nascimento, de sexo e também das preferências parentais, nem sempre admitidas pelos próprios pais. Assim, pesquisas sobre essas relações são importantes para se entender as diversas dimensões dos processos de socialização e escolarização em famílias, seja nas de baixa renda, seja nas de outros estratos sociais.

1.4. Escolarização em famílias de diferentes segmentos sociais

O processo de escolarização dos filhos, segundo Sampaio (2007), compreende as práticas educativas parentais que consistem em monitorar, estabelecer o controle e socializar os filhos. É nesse sentido que a escolarização não é apenas um processo formal de aprendizagem, mas também de orientação dos pais para melhor desempenho dos alunos.

É necessário considerar ainda que as condições financeiras da família mudam com suas trajetórias, isto é, com as modificações nas relações interfamiliares que envolvem o avanço na escolarização dos filhos, o eventual ingresso destes no mercado de trabalho, mudanças de localidade, doenças e eventuais perdas dos membros da unidade doméstica, o

que modifica o cuidado parental dos filhos. A vida doméstica, que não é estática, transcorre em um constante processo de alterações.

Nas famílias pobres, os rendimentos podem passar por mudanças, na medida em que os filhos mais velhos entram precocemente no mercado de trabalho, formal ou informal, e passam a contribuir para o orçamento doméstico. Desse modo, em famílias com vários filhos, o caçula pode se beneficiar de mudanças na obtenção de rendimentos do conjunto da família e assim dedicar-se aos estudos, já que podem permanecer fora do mercado de trabalho, durante o período de escolaridade (ROMANELLI, 2003).

Uma das tarefas da sociologia no contexto contemporâneo está voltada para a reflexão dos elementos constitutivos da educação, avaliando e questionando seus processos, bem como os vínculos, as dinâmicas, as estruturas políticas, econômicas, culturais, a subjetividade, os espaços e grupos sociais envolvidos com a comunidade educativa.

Para realizar-se como tal, a pesquisa em Sociologia da Educação problematiza metódica, rigorosa e sistematicamente os fenômenos do campo da educação, utilizando-se do instrumento teórico-analítico e metodológico da Sociologia. Criada e recriada por meio de estudos e de investigações teóricas e empíricas, a Sociologia da Educação é um projeto intelectual que busca deslindar as dimensões e elementos da ordem do social, constitutivos das práticas, das instituições, dos processos e fenômenos educacionais (TEIXEIRA, 2003, p. 99)

Para discutir o processo de escolarização e socialização, toma-se como referencial teórico a noção de capital cultural (BOURDIEU, 1998b) para se compreender as desigualdades de desempenho escolar de indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais.

O capital cultural é uma chave de leitura que Bourdieu utiliza para verificar a relação existente entre as desigualdades sociais e o sucesso escolar dos alunos. Segundo o autor, a realidade social dos alunos é reproduzida em seu desempenho e o sucesso escolar é um retrato das condições socioculturais e não um resultado das aptidões naturais do indivíduo (BOURDIEU, 1998b).

Para esse autor, as famílias transmitem aos filhos o capital cultural que se apresenta sob três formas: o capital objetivado apresenta-se sob as formas de bens culturais diversos existentes na família, como livros, revistas que transmitem informações diversas para os filhos; o capital incorporado remete à apropriação que as pessoas fazem de vários bens culturais e o capital institucionalizado reporta-se a certificados escolares adquiridos no processo de escolarização.

Para as crianças originárias de ambiente familiares mais favorecidos, a educação escolar é entendida como continuidade da educação que acontece no meio familiar, enquanto

para as crianças menos favorecidas econômica e culturalmente, a processo de escolarização se apresenta como algo estranho (NOGUEIRA, MARTINS NOGUEIRA, 2017).

Ora, nas famílias de baixa renda, as várias formas de aquisição desses capitais fica, em grande parte, na dependência de sua condição econômica que tende a dificultar o acesso a esses capitais. No entanto, se condições econômicas podem dificultar o acesso a esses capitais, não são suficientes para limitar o acesso de bens culturais por meio de outros meios, além da família. E, nesse caso, as escolas podem favorecer e incentivar a posse de capital objetivado à família e a seus filhos que almejam a conquista de determinados certificados escolares, isto é, capital institucionalizado, como mostram os trabalhos de Braga (2012), Portes (2011) e Zago (2011). Desse modo, apesar de limitações de ordem financeira, famílias de baixa renda podem orientar os filhos na aquisição desses capitais.

Aqui, é possível levantar a questão do *habitus*, conceito presente na obra de Bourdieu e que se refere ao modo de ser dos indivíduos, que resultam de suas aprendizagens sociais, condicionando, em medidas variadas, seus comportamentos, escolhas, atitudes e gostos.

Citando Bourdieu, Piotto sintetiza:

Mas, adverte Bourdieu (1997): "... é preciso precaver-se de fazer da família a causa última dos males que ela parece determinar". A identificação com o pai e com seu projeto de ascensão não é condição suficiente para garantir o sucesso da "herança", já que tal empreendimento está, na sociedade atual, subordinado aos veredictos da escola, passando, portanto, pelo sucesso escolar. Aqui, reside o segundo aspecto envolvido na questão da sucessão do qual trata Bourdieu: a transmissão da herança depende dos veredictos das instituições de ensino, que funcionam, muitas vezes, como um "brutal princípio de realidade" (PIOTTO, 2009, p. 14).

No contexto escolar, a cultura predominante é a da classe dominante, que se estabelece de forma arbitrária, evidenciando a força desta classe em um cenário conflituoso. Os valores, preferências e entendimentos dos grupos hegemônicos, se impõem a todo o restante da sociedade através do sistema educacional, o que cria um ambiente de violência simbólica.

Assim, a escola impõe o enquadramento do sujeito dentro dos valores que considera corretos, beneficiando, ainda que de forma sutil, aqueles que já são privilegiados de berço. A cultura escolar oferecida a um aluno pertencente a classes mais favorecidas se daria, então, como um complemento de sua cultura cotidiana, vivida no ambiente familiar, diferente do que se observa em indivíduos que cresceram em um contexto empobrecido e excludente. Verifica-se que:

a escola inviabiliza os "inferiores", pois é um espaço de exclusão, imobilização e de garantia da permanência dominativa. Supõe-se que os sucessos e aptidões adquiridas

pela dissidência privilegiada não são frutos de uma sociabilidade conjunta, mas de inteligência e talento natural. Ao que parece que as classes dominadas creem na ideia dantesca do dom! [...] com a imposição de uma cultura arbitrária, erudita, única, o aluno vindo de uma classe desprestigiada tenta se adaptar aos códigos escolares, tarefa hercúlea que termina neste sendo simbolicamente violentado (SOBREIRA, 2012, p.3711).

Após as considerações acima, é possível retomar alguns pontos apresentados por Cunha e Almeida (2010). O primeiro trata da urgência característica das famílias de camadas populares que, em geral, buscam atender suas necessidades mais imediatas, desconsiderando investimentos que tragam retornos a longo prazo, já que não podem viabilizar os custos da espera: o ingresso no mercado de trabalho não poderia ser adiado em função de projetos ambiciosos. Para tais grupos, mais importante que atingir posições sociais elevadas é a garantia de uma vida com dignidade e aspirações moderadas.

Desse modo, a capacidade de protelar o ingresso dos filhos no mercado de trabalho e o abandono dos estudos relaciona-se às perspectivas de herança social ou planos de ascensão. É possível perceber que o tempo de vida despendido na escola e no trabalho se cruzam em momentos diferentes para as diferentes classes. À medida que se analisa as classes mais altas, verifica-se o aumento da capacidade de adiar o momento de os filhos deixarem escola e adentrarem o mercado de trabalho (ITABORAÍ, 2017).

CAPÍTULO 2. JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E METODOLOGIA

Esta pesquisa visou trazer elementos para se ampliar o conhecimento sobre os processos de socialização e escolarização de filhos de famílias de baixa renda, investigando como mãe e pai atuam simultaneamente e/ou de modo diverso, nesses processos, quais as dificuldades escolares da prole e como podem ocorrer diferenças no tratamento dispensado na socialização e escolarização de filhos de cada sexo e de idades diferentes.

Como os estudos sobre fratria ainda são escassos, a coleta de dados e sua análise, comparando a atuação dos pais e dos filhos no interior de suas famílias, poderão contribuir para elucidar processos ainda pouco estudados. Além do mais, considerando minha atuação na Pastoral da Educação, os resultados desta pesquisa adquirem alcance social e político suscitando reflexões para amparar a escolarização dos filhos dessas famílias.

2.1. Objetivos

O objetivo deste projeto foi investigar como mãe e pai, individualmente e em conjunto, atuam nos processos de socialização e escolarização dos filhos, procurando analisar diferentes posturas de mães e pais nesses processos. É pertinente analisar se eles estimulam os filhos a prosseguir os estudos para ingressar no ensino superior com vistas a conquistar posições melhor remuneradas no mercado de trabalho. Procura-se ainda investigar se as famílias participam e orientam os filhos de modo igualitário considerando-se o sexo, a idade e sua posição no interior da fratria.

2.2 Metodologia

A metodologia é de cunho qualitativo e os dados foram coletados a partir da de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas na íntegra, com mães e pais de quatro famílias visando a garantir a profundidade da reflexão e a qualidade de análise. Não se pretende construir generalizações com os resultados obtidos, já que o número de famílias entrevistadas é reduzido. Contudo procura-se compor um quadro de referências empíricas e interpretativas para uma análise da escolarização e socialização da fratria em famílias nucleares e contribuir com a produção científica sobre a temática

2.3. Sujeitos da pesquisa

Foram entrevistados cinco mães e cinco pais, num total dez sujeitos de cinco famílias com rendimento em torno de dois a quatro salários mínimos vigentes na época da coleta de dados era de R\$998,00,00 e com filhos de ambos os sexos frequentando ensino fundamental e médio de escolas públicas de Serrana.

A escolha dos sujeitos entrevistados foi feita sem a mediação das instituições escolares. Contudo, a inserção do pesquisador no trabalho da Pastoral da Educação, como foi citado anteriormente, facilitou o contato com as famílias e ainda contou com a valiosa ajuda de uma jovem moradora de um bairro de camadas populares, que indicou algumas famílias. As demais foram contatadas através do conhecimento do pesquisador com famílias que já conhecia anteriormente devido a seu trabalho na referida Pastoral.

2.3.1 Procedimento

O procedimento metodológico escolhido contemplou entrevistas gravadas e transcritas, na íntegra, com pais e mães, as quais foram preferencialmente realizadas no domicílio dos entrevistados ou em outro local que assegurasse privacidade e foram agendadas após aceitação dos sujeitos em participar da pesquisa.

O roteiro das entrevistas foi elaborado a partir da seleção de tópicos relevantes que se pretendia investigar e considerando ainda a bibliografia acerca do tema. Paralelamente à realização das entrevistas foi feita observação de aspectos diversos, como descrição da moradia, do bairro onde as famílias residem, incluindo-se também a postura dos sujeitos e eventuais conversas que ocorreram antes e após as entrevistas, devidamente registradas em diário de campo.

Os resultados obtidos poderão servir de referência para novos estudos e para a atuação de docentes na escolarização de alunos integrantes de uma mesma fratria.

Por questões éticas mães e pais foram consultados antes do início das atividades, para autorizar o uso de informações e assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no qual constam os objetivos da pesquisa e telefone do pesquisador para contato daqueles que o desejassem. Além disso, antes do início das entrevistas foram informados que seus nomes e de seus filhos não seriam divulgados para assegurar o anonimato e privacidade de ambos e todos os nomes citados são fictícios.

A pesquisa foi desenvolvida de acordo com as diretrizes estabelecidas pelas Resoluções números 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamentam os princípios éticos das pesquisas com seres humanos no Brasil (BRASIL, 2016a; BRASIL, 2012a).

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP.

CAPÍTULO 3. CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

3.1. As famílias entrevistadas

Neste item são apresentadas algumas características dos integrantes das famílias entrevistadas e que podem ser visualizadas no quadro abaixo.

Quadro 1. Caracterização das famílias entrevistadas

Nome	Idade		Profissão	Cor	Escolaridade	Fratria/Filhos	Renda Familiar ¹
FAMÍLIA 1 Pedro	52	Pai	Auxiliar de Produção	Branco	Ensino Médio	Debora: 16 anos (3º Ensino Médio) Karina: 12 anos (7º Ano Ensino Fundamental)	R\$ 1.996, 00
Maria	46	Mãe	Do Lar	Negra	Ensino Médio Magistério e Técnico Contabilidade		
FAMÍLIA 2 João	40	Pai	Motorista	Parda	Ensino Médio	André: 16 anos (2º Ano Ensino Médio) Mateus: 10 anos (4º. Ano Ensino Fundamental)	R\$ 4.200,00
Madalena	37	Mãe	Doméstica	Parda	Ensino Médio		
FAMÍLIA 3 Bartolomeu	47	Pai	Montador	Negra	Ensino Fundamental	Mirian: 16 anos (3º Ensino Médio) Moisés: 10 anos (5º Ano Ensino Fundamental)	R\$ 4.000,00
Raquel	38	Mãe	Tec. Enfermagem	Negra	Ensino Médio Técnico		
FAMÍLIA 4 Tiago	39	Pai	Operador de Máquina	Parda	Ensino Médio	Natália: 14 anos (9º Ensino fundamental) Carlos: 9 anos (3º Ano Ensino Fundamental)	R\$ 3.000,00
Rute	35	Mãe	Desempregada	Branco	Ensino Médio		
FAMÍLIA 5 Bento	35	Pai	Caldeireiro	Branco	Ensino Médio Cursos profissionalizantes	Francisco 14 anos (9ª Ano Fundamental) Clara 12anos (6ºAno Fundamental)	R\$4.000,00
Lúcia	33	Mãe	Doméstica	Branco	Ensino Médio Cursando		

¹ O Salário-mínimo na época da pesquisa era de R\$ 998,00.

Os sujeitos que participaram da pesquisa têm idade entre 33 e 52 anos. Solicitou-se aos entrevistados que declarassem a cor, de acordo com as referências do IBGE. Assim, os dados sobre cor foram colocados para a diferenciação dos sujeitos e para explicitar essas características, esclarecendo-se que a pesquisa não se ocupará em analisar em profundidade tais dados. Entre os sujeitos encontra-se três negros e três pardos e quatro brancos.

É importante considerar algumas diferenças da escolarização dos sujeitos. Exceto Bartolomeu, oito entrevistados concluíram o Ensino Médio e uma das mães, Lúcia (F5), está cursando essa modalidade de ensino.

Dentre todas as mães, Maria (F1)² foi a única que após o nascimento da primeira filha decidiu definitivamente cuidar do lar. Madalena (F2), Raquel (F3) e Lúcia (F5) trabalham fora de casa e Rute e (F4) está atualmente desempregada e procura trabalho.

Os pais têm profissões diferentes, tais como motorista, auxiliar de produção, operador de máquinas, caldeireiro e montador. Pedro (F1) e Bartolomeu (F3) trabalham em Ribeirão Preto, João (F2), Tiago (F4) e Bento (F5) trabalham em Serrana. A renda familiar está entre 2 e 4 salários mínimos e os rendimentos, sobretudo de João, que presta serviço terceirizado à Usina da Pedra, sofre oscilações entre o período de safra e entressafra.

Duas fratrias são compostas por irmãos do mesmo sexo como no caso das irmãs Debora e Karina (F1), e dos irmãos André e Mateus (F2) e três outras são constituídas por irmãos de sexos distintos, como ocorre com Mirian e Moisés (F3), Natália e Carlos (F4) e Francisco e Clara (F5).

Todas as famílias pesquisadas residem em bairros formados por pessoas de camadas populares. Todavia, os bairros apresentam semelhanças como a precariedade da pavimentação e a falta de saneamento básico, moradias cuja construção não está terminada; a quantidade de entulho nas calçadas e um número expressivo de crianças brincando nas ruas. Esses bairros são os mais populosos do município, onde se concentra o maior índice de pobreza e violência.

Entres as famílias, somente João e Madalena (F2) residem em conjunto habitacional, geograficamente localizado em um dos extremos da cidade. Os outros sujeitos residem em bairros localizados na entrada do município, onde estão a maior parte dos migrantes, que vieram em busca de trabalho na Usina da Pedra.

3.2 Família 1. Pedro e Maria: Débora e Karina

² Para facilidade de leitura todas as famílias serão indicadas pela letra "F" seguidas de um número referente à ordem em que se encontram do Quadro 1.

O arranjo familiar é composto pelo pai, Pedro, 52 anos, autodeclarado branco, auxiliar de produção, com ensino médio completo, católico não praticante, nascido em São Simão-SP. Depois dos quatro anos de idade, mudou-se para Ribeirão Preto quando conheceu a esposa Maria, com a qual está casado há 17 anos. Têm duas filhas, Débora, 16 anos, cursando o 3ª ano do Ensino Médio e Karina, 12 anos, matriculada no 7º ano do Ensino Fundamental.

Pedro relata que cursou o Ensino Fundamental e começou a trabalhar com 13 ou 14 anos. Após algum tempo retomou a vida escolar, cursando supletivo para concluir o Ensino Médio.

Atualmente Pedro trabalha como auxiliar de produção em uma indústria de produtos alimentícios, é o único assalariado da família e seu rendimento situa-se em torno de dois salários mínimos.

No que diz respeito à rotina familiar Pedro sai de madrugada para entrar às 6 horas no trabalho, enquanto Maria cuida das filhas para serem encaminhadas para a escola. A menina mais velha estuda no período da manhã, saindo às 6h30 e retornando às 12h. No período da tarde estuda a filha mais nova, que é levada por Maria à escola.

Pedro deixa claro que o diálogo com as filhas é reduzido, que conversa pouco e que elas têm mais diálogo com a mãe. Sobre relacionamento das filhas diz que é normal, que às vezes acontecem brigas, pois a mais nova gosta de brincar e a mais velha já pensa em outros assuntos.

Ele disse que trabalha muito e, por isso, acaba não participando da vida escolar das filhas. Maria é quem assume o acompanhamento da vida escolar, desde participar das reuniões até auxiliar nas tarefas em casa. O pai diz que a mãe tem facilidade com os estudos e por isso auxilia mais as filhas.

Sobre os acontecimentos na escola, Pedro aponta que as filhas trazem os assuntos para dentro do lar e que comentam sobre brigas, empurrões dentro da sala de aula. Ele ressalta que o ambiente escolar é perigoso e permeado por violência.

Quanto ao rendimento escolar, Pedro afirma que a filha mais velha tem melhor desempenho e a mais nova já apresentou mais dificuldades, principalmente em matemática. Ele justifica a disparidade no desempenho dizendo que “*talvez a mais velha puxou mais para a mãe*”.

Pedro diz que principalmente em escola pública as coisas andam muito difíceis devido a drogas e a violência. Simultaneamente, diz que apesar das dificuldades a escola contribui

para um futuro melhor de suas filhas e que elas precisam estudar após concluírem o ensino médio e cursar uma faculdade.

Ao falar dessa etapa futura da vida de suas filhas tece uma crítica ao governo do país:

“um país que quer mudar tem que investir na educação, não pode investir em outras coisas... tudo errado esse governo... não pode tirar o dinheiro da educação para investir em outras coisas... tirando dinheiro da educação para investir na previdência social, aposentadoria, construindo cadeia em cima de cadeia, parecendo Cohab”.

Ao final da entrevista, Pedro considerou que se sentiu bem apesar de nunca ter participado de uma pesquisa.

Maria, esposa de Pedro, tem 46 anos, autodeclarada negra, atualmente cuida do lar, cursou magistério e cursos técnicos, é espírita Kardecista praticante, natural de Alagoinhas-BA. Quando completou 1 ano e 3 meses a família mudou-se para São Paulo, onde ficou até os 11 anos. Após esse período, ela retornou para a sua cidade de origem na Bahia e cursou Magistério e o curso técnico de contabilidade. No ano de 1996 a família mudou-se para o Estado de São Paulo novamente, agora para a cidade de Serrana.

Quando se casou com Pedro, em 2004, morou 5 meses em Ribeirão Preto na casa da sogra. Após esse período, mudou-se para Serrana e logo ambos ficaram desempregados. Pedro, depois de um tempo retornou para o mesmo emprego e permanece até hoje. Maria, ao dar à luz a primeira filha, passou a cuidar do lar até os dias atuais.

Em 1999, começou a trabalhar em uma indústria de produtos alimentícios em Ribeirão Preto e nessa época fez os cursos básicos de computação, de vigilante e de edificações em um colégio industrial e exerceu por alguns meses o magistério em uma escola particular.

Sobre a rotina familiar, Maria relata com pouco detalhes, dizendo que ainda leva Karina à escola, por ser a mais nova. Segundo ela Debora “já se vira sozinha” e ela dispensa um pouco mais de atenção à filha mais nova, pois apresenta dificuldades com as tarefas da escola.

Nas horas vagas, aos sábados, Maria costuma sair com a irmã. Karina e Debora saem de casa, às vezes, para festa de aniversário de familiares e colegas. Segundo a mãe as filhas gostam de ficar em casa e não se interessam por outros eventos, como por exemplo baile funk. No domingo a família sempre se reúne à noite para momento do evangelho no lar. Os espaços de lazer de ambas meninas, além da escola, são a própria casa, a casa da avó materna e poucas vezes as casas de colegas.

Como Maria não está trabalhando passa um tempo maior com as filhas e relata ter mais proximidade com elas e o argumento usado é que o marido trabalha muito e este seria o motivo de pouco diálogo entre o pai e as filhas.

Quando relata o relacionamento das filhas, Maria diz que “todo irmão briga né...elas sabem dividir as coisas, quando não tem condições de dar alguma coisa elas compreendem”. De acordo com a mãe, a filha mais nova é mais apegada, estão sempre juntas, em todo lugar.

Sobre o desempenho das filhas na escola, Maria entende que Karina tem mais dificuldade nos estudos, especificamente com matemática e diz ser muito participativa na vida escolar das filhas, acompanhando as tarefas, frequentando as reuniões de pais e, além disso, quando é solicitada colabora nos trabalhos escolares.

Maria afirma dialogar com as filhas sobre acontecimentos que ocorrem na escola. Geralmente, os assuntos abordados nas conversas giram em torno de violência e gravidez na adolescência. Karina, é mais tímida e difícil de fazer amizades e tem dificuldade em seu relacionamento com seus colegas. Em uma ocasião a mãe relata ter que ir à escola porque alguns meninos tiraram a garrafa de água da filha e proferiram xingamentos. Atualmente, Karina não gosta dos alunos que compõem a sua sala de aula e devido a esse fato, Maria ensina as filhas que nem sempre é possível fazer escolhas.

Maria afirma que convoca o pai para participar mais no processo de escolarização, mostrando importância da colaboração dele. Do mesmo modo, reconhece que Pedro devido ao horário de trabalho tem menos tempo para estar presente na vida social e escolar das filhas. Maria diz que acredita que as filhas estão recebendo uma boa formação, que apesar da escola não ter boa fama, conta com bons professores.

Debora e Karina sempre estudaram em escolas públicas localizadas em bairros de camadas populares. Atualmente, ambas estudam, em períodos distintos na mesma escola.

Karina, por gostar muito de futebol e praticar o esporte, também tem bom desenvolvimento em educação física. Para estimulá-la a estudar matemática, a mãe cita exemplos cotidianos, tais como seguir uma receita culinária e outras ações. “Para muitas coisas na vida precisa matemática”, reitera Maria.

No processo de socialização Débora e Karina tem mais convivência dentro dos círculos familiares, com a avó, tia e primos de lado materno, bem como com algumas colegas das escolas. A primeira é calada dentro e fora de casa. A segunda em casa é mais aberta, sendo que na rua e na escola fica mais tímida

Do ponto de vista da mãe a escola pode contribuir para o futuro das filhas e pretende que elas continuem estudando. Debora pretendia ser veterinária, mas está repensando depois

de ter visto vídeos de cirurgias em animais. Na passagem do ensino fundamental para o ensino médio, Maria incentivou a filha a prestar o vestibulinho, na escola técnica – ETEC, porém a filha não obteve sucesso.

No momento Debora pretende fazer cursos de maquiagem ou culinária. Karina, por sua vez, pretende ser jogadora de futebol ou chefe de cozinha. A mãe não acredita que o estudo que estão recebendo na escola seja suficiente para as filhas conseguirem exercer uma ocupação bem remunerada e afirma que elas precisarão de outros cursos, até para ingressarem em uma faculdade.

Ao falar como imagina o futuro das filha Maria exalta a importância do estudo considerando que:

o estudo é tudo, é nosso namorado é nossa vida. Eu não vou impedir elas, mas eu lembro o meu pai, que no meu tempo, tempo da ignorância pegava muito no nosso pé para estudar, enquanto outros pais queriam que os filhos fossem logo trabalhar”.

Além da avó materna e a tia, Maria menciona que o sobrinho mais velho incentiva as filhas a estudarem, tanto por meio de palavras e conselhos, quanto pela própria trajetória. O sobrinho mais velho oriundo de camadas populares hoje trabalha em uma empresa multinacional.

Maria diz que foi muito bom participar da pesquisa e, para ela, sobretudo pensar no futuro das filhas e que conservar com outra pessoa que não é da família foi muito bom e que a entrevista gerou mais esperança nela.

3.3 Família 2. João e Madalena: André e Mateus

O arranjo familiar é constituído por João, 40 anos, autodeclarado pardo, motorista, ensino médio completo, nascido em Ribeirão Preto, morador em Serrana-SP desde o nascimento, católico praticante. Ele é casado com Madalena, 37 anos, autodeclarada parda, doméstica, com ensino médio completo, católica praticante. Têm dois filhos, André, 16 anos, cursando o 2º ano do Ensino Médio e Mateus com 10 anos, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental.

João residiu no centro da cidade com sua mãe e pós seu casamento, mudou-se para atual casa, que fica situada no Parque A que é um conjunto habitacional que se formou por volta de 20 anos atrás e é constituído por diversas famílias de camadas populares da cidade.

Os nomes dos bairros foram omitidos e substituídos por letras para se evitar a identificação dos entrevistados.

Ele trabalha como motorista e sua função consiste em abastecer os veículos terceirizados que trabalham no campo para a Usina da Pedra. A renda familiar, em média, durante o ano, considerando o período de safra e entressafra, quando o salário sofre variação, situa-se entre três salários mínimos e meio.

Sobre a rotina da vida familiar João inicia dizendo que fica pouco tempo com os filhos, pois acorda muito cedo e chega do trabalho no início da noite. Ao chegar em casa a rotina geralmente se desenvolve a partir do jantar e em seguida gosta de estar com os filhos e a esposa diante do televisor assistindo programas e filmes.

Nas horas vagas, quando está de folga, João gosta de passear com a família, viajando para a cidade de Poços de Caldas e ir à casa do cunhado ou de permanecer no rancho do pai nos finais de semana.

João afirma que os filhos passam a maior parte do tempo com a mãe e que dialogam mais com ela. Mas quando está com eles, gosta de brincadeiras, de falar sobre os times de futebol e pede para eles fazerem as tarefas de casa. Afirma ainda que os filhos gostam muito de usar o aparelho celular, mas deixam desligado durante a semana para não terem prejuízos nos estudos

Ao ser indagado sobre uma proximidade maior com um dos filhos diz que “*os filhos são todos iguais*”. Entretanto, aponta que ele e a esposa dão mais atenção ao filho mais novo devido à dificuldade dele com os estudos.

João menciona que participa da vida escolar dos filhos e quando a mãe e os filhos não conseguem resolver alguma tarefa escolar, ele pesquisa juntamente com eles e procura ajudá-los na elaboração dos deveres de casa. Mas reitera que a mãe é mais participativa na vida escolar dos filhos.

No que se refere ao desempenho escolar dos filhos, João percebe uma desigualdade entre André e Mateus e que este último tem maiores dificuldades nos estudos e isso seria talvez por causa de um problema de saúde, pois teve uma convulsão quando era mais novo.

Mas João demonstra dúvidas ao tentar explicar as causas das diferenças de desempenho escolar dos filhos. A fim de ajudarem Mateus a superar a dificuldade em interpretação de texto os pais usaram o recurso de uma professora particular.

André e Mateus sempre estudaram em escolas públicas próximas da residência da família e hoje cursam períodos diferentes de ensino e em unidades escolares diferentes. O

primeiro cursa o ensino médio em uma escola situada mais perto do centro da cidade e o segundo cursa o ensino fundamental em uma escola do bairro.

O pai afirma que os filhos têm melhor desempenho em disciplinas da área de humanas, português, história, geografia sendo que André se destaca em interpretação de textos. Ele relata que o filho mais velho, por ter um melhor desempenho nos estudos participa na vida escolar do irmão mais novo, ajudando-o na elaboração dos deveres de casa. Fora do âmbito familiar, em uma época a tia e avó materna, colaboraram na vida escolar de André e Mateus.

Sobre ensino que os filhos recebem na escola João não acredita ser de qualidade. Ele diz que “deveria melhorar, as pessoas não têm um estudo digno aqui no Brasil, se quiser um bom estudo tem que ser particular”. Não obstante a precariedade do estudo no Brasil, acredita que o ensino contribui para preparar para o exercício de uma profissão.

Segundo ele a escola pública não prepara os alunos para o mercado de trabalho e acredita que para os filhos conseguirem um trabalho precisam recorrer aos cursos técnicos. Na ocasião ele citou o SEST SENAT, especificamente os cursos de soldador, operador de máquinas, contabilidade, pois na cidade de Serrana os empregos requerem essa formação técnica.

Retomando sua visão do ensino público afirma que este não será suficiente para os filhos e cita a greve dos servidores públicos e professores em Ribeirão Preto, alegando a necessidade da melhoria do ensino e das condições oferecidas pelo poder público às famílias. João deseja que seus filhos continuem estudando após terminarem o Ensino Médio e pretende “pagar um cursinho” para eles ingressarem no Ensino Superior.

Sobre o relacionamento dos filhos fora do âmbito escolar João relata que eles têm um bom relacionamento com vizinhos e colegas de escola. O filho mais velho está mais inserido nessa convivência fora de casa e o mais novo ainda fica mais com os pais. Acrescenta ainda que seus filhos convivem melhor com a família do que com os amigos.

João afirmou ter gostado participar da entrevista, sentindo-se bem e considerou que vai tentar melhorar a forma de agir com os filhos, abrindo sua mente para corrigir os erros e ser mais participativo com a família.

Madalena, natural de São Raimundo Nonato, Piauí é esposa de João aproximadamente há 18 anos. Seu pai sempre vinha trabalhar durante o período de safra da cana de açúcar na Usina da Pedra e aos poucos trouxe a família para Serrana.

Após várias vindas temporárias do Piauí, Madalena definitivamente passou a morar em Serrana para ajudar cuidar do sobrinho e por um período residiu em Luiz Antônio-SP,

cidade próxima a Serrana, acompanhando sua irmã. Retornou a Serrana e começou a namorar João com quem se casou. Com a aquisição da casa no conjunto habitacional Parque A transferiu-se para a residência atual e já estão nela há 17 anos.

Madalena trabalha realizando serviços domésticos na casa de uma família e atualmente é faxineira e cuidadora de duas pessoas idosas em Ribeirão Preto e seu rendimento mensal é de R\$ 700,00.

No que diz respeito à rotina familiar diz que acorda cedo, por volta de 6h30. João leva Mateus para a escola e em seguida vai para o trabalho.

O filho mais velho, André, vai e volta caminhando para a unidade escolar. Ao término das aulas uma van contratada traz Mateus para casa, próximo da hora de almoço. A mãe antes de sair de casa deixa o almoço pronto. André é responsável por cuidar do irmão mais novo até a chegada dos pais. Mateus participa de um projeto chamado 'bola bacana' no horário contra turno da escola e sempre é acompanhado por André.

Ela participa das reuniões na escola e quando a direção reclamou que os alunos usavam de maneira inadequada o celular, estabeleceu uma regra para o uso do aparelho apenas no final de semana. No domingo à noite a mãe recolhe os celulares de ambos e os devolve somente na sexta-feira.

Madalena afirma que não existe o filho preferido, entretanto ela é mais exigente e "pega mais no pé" de André por ser o filho mais velho. Ao descrever a relação entre os irmãos, reporta-se ao momento do nascimento do segundo filho. O mais velho chegava, olhava para a barriga dela e dizia com forte sentimento de ciúmes "esse moleque aí". Nesse período André precisou de um acompanhamento psicológico. Contudo, a partir do momento em que Mateus começou a andar e correr atrás da bola, André superou os ciúmes e tornou-se mais próximo do irmão.

Madalena relata que André e ela ajudam sempre Mateus com os deveres da escola. Segundo ela, o pai participa algumas vezes, colaborando com as tarefas mais difíceis. Os avós paternos também são presentes na vida escolar dos netos incentivando e auxiliando em algumas tarefas escolares e ela afirma que boa parte da formação do filho mais velho recebeu dos avós paternos.

Em concordância com João, Madalena cita que André tem melhor desempenho que Mateus. O motivo da disparidade foi a convulsão que menino teve anteriormente e ela menciona que Mateus está fazendo acompanhamento psicológico para verificar a possibilidade de auxílio na superação das suas dificuldades.

Sobre a formação que os filhos estão recebendo na escola Madalena considera boa. Os filhos mencionam para a mãe que gostam dos professores e apenas Mateus diz que não gosta de matemática. A mãe acredita que a escola ensina muitas coisas que os pais não conseguem e que o ensino pode contribuir para o futuro dos filhos.

Madalena pergunta sempre aos filhos o que pretendem para o futuro. André gostaria de cursar administração e Mateus já chegou a mencionar que gostaria de seguir a profissão do pai, mas ela pensa que esse não seja um bom projeto de vida, mas uma influência do pai.

De acordo com Madalena, a socialização dos filhos fora do âmbito escolar acontece mais dentro da família, com duas tias, uma do lado materno e outra do lado paterno. Os momentos com os amigos são para um lanche e que partilham assuntos inerentes à idade.

Para ajudar os filhos a terem um futuro melhor Madalena sempre conversa com João que está próximo de se aposentar e pretende parar de trabalhar. Na opinião dela, ele poderia se aposentar, mas não deveria deixar de trabalhar, para ter melhores condições financeiras para investirem no futuro dos filhos. Ela espera que os filhos tenham um futuro melhor e divergindo de João, incentiva André a conseguir um emprego. Mas também considera que como pais devem auxiliar os filhos financeiramente para cursarem o ensino superior.

No final da entrevista afirma que não quer acrescentar nada ao que já tinha falado, apenas disse que gostou de ser entrevistada e de participar da pesquisa.

3.4 Família 3. Bartolomeu e Raquel: Miriam e Moisés

Bartolomeu, 47 anos, é natural de Coxim-MS, onde residiu em um vilarejo próximo a essa cidade chamado Silviolândia por oito anos. Com oito anos mudou-se para Ribeirão Preto onde residiu por quatro anos e com doze anos mudou-se com sua família para Serrana. É montador, autodeclarado negro e cursou o ensino fundamental

É casado há 18 anos com Raquel, 38 anos, natural de Montalvânia-MG, técnica em Enfermagem, autodeclarada negra, com ensino fundamental e ensino técnico em enfermagem, e que com 12 anos mudou-se para Serrana.

O casal tem dois filhos, Mirian, 17 anos, cursando o 3º ano do Ensino Médio e Moisés, 10 anos, cursando o 5º ano do Ensino Fundamental. O pai e a mãe trabalham e a renda familiar aproxima-se de quatro salários mínimos e ambos são católicos.

Bartolomeu ingressou no mercado de trabalho logo após o ensino fundamental, e trabalha em uma empresa em Ribeirão Preto onde presta serviço de caldeiraria. A rotina

familiar de Bartolomeu começa às 4 horas, quando o casal acorda e ele leva esposa no ponto de ônibus, pois ela entra em serviço às 6 horas em um hospital em Ribeirão Preto.

Em seguida, volta para ficar com os filhos até o momento de irem para a escola e depois se dirige ao serviço também em Ribeirão Preto e volta para casa às 18 horas. Segundo ele, a mãe procura os filhos para verificar os deveres escolares e após jantarem ficam juntos conversando ou vendo televisão.

Ao ser inquirido sobre o diálogo com os filhos afirma que ora conversa com os filhos somente ele, ora somente mãe, ora os dois juntos. O casal tem um cuidado com a filha, por ser moça e ele diz que devido às coisas que estão acontecendo no mundo tem assumido uma linha diferente com Miriam, sendo mais afetuoso, pegando-a no colo, conversando e desenvolvendo até uma “amizade muito boa”. O pai justifica essa atitude com a filha dizendo que “muitas coisas que estão acontecendo com filhos é ausência de pai, pais ausentes, filhos órfãos de pais presentes”

Na relação com os filhos considera tratá-los de modo igualitário e no que se refere ao acompanhamento da vida escolar reconhece que Raquel está mais dedicada, no entanto, ele não deixa de participar. Em alguns momentos ele se disponibiliza a sentar-se à mesa com eles e dar sua contribuição para a superação das dificuldades escolares. Tanto o pai quanto a mãe e a filha auxiliam Moisés em suas tarefas escolares, contudo Raquel é quem mais está presente no processo de escolarização dos filhos.

O pai afirma que é muito difícil os filhos falarem sobre os acontecimentos dentro da escola, raramente mencionam esses assuntos. E sobre a disparidade do desempenho escolar entres os irmãos, na visão dele, Mirian não tem tantas dificuldades. Moisés teve maiores dificuldades nos primeiros anos, principalmente em matemática, devido a sua falta de interesse.

Sobre a qualidade do ensino, Bartolomeu faz uma diferenciação entre educação e o ensino na escola. A escola deve oferecer a ciência e a família a educação. Ele acredita que o ensino oferecido na escola aos filhos, consiste numa contribuição para terem um futuro melhor, embora, ainda insuficiente para ingressar no mercado de trabalho. Para o pai serão necessários outros cursos e já orientou a filha a procurá-los.

Bartolomeu afirma que os filhos devem estudar após o ensino médio e segundo ele o filho mais novo ainda não definiu uma opção profissional enquanto a filha mais velha pensa em ser veterinária e ele não se opõe à escolha apenas orienta a fazer aquilo que gosta. Ele ainda reconhece que não tem muita oportunidade para falar com os filhos sobre os projetos deles, mas que isso acontece com a mãe.

A esposa de Bartolomeu, morou em Montalvânia até os seis anos de idade. O seu pai já trabalhava em Serrana e quis oferecer um grau de escolaridade que não teve, por isso, pensando num futuro melhor para os filhos, trouxe toda a família para essa cidade.

Raquel relata que a rotina da família começa às 4 horas da manhã. O casal desperta e reza terço, logo após tomam o café sempre preparado pelo marido e ele a leva ao ponto de ônibus. Ela trabalha 6 horas por dia saindo do serviço às 12h30, toma o ônibus às 13horas e sempre por volta da 13h30 chega em casa. No período da tarde, Mirian estuda e ajuda a mãe nos afazeres da casa.

Moisés, às terças-feiras e às quinta-féris, participa da fanfarra da escola. Nas horas vagas a família, gosta de passear, cantar, ir às casas dos avós paternos e maternos. A família está sempre presente na igreja católica, participando de grupos e movimentos sociais e religiosos.

Raquel afirma que o diálogo com os filhos é muito bom, embora diga que deixa a desejar no relacionamento com a filha. Segundo ela, a filha tem constantes oscilações de humor durante a semana prejudicando o diálogo e o filho por ser criança é mais fácil para conversar. Se por um lado ela tem dificuldade de diálogo com filha, por outro lado tem dificuldade em lidar com as irresponsabilidades do filho. Do ponto de vista dela, talvez, por ser homem, seja mais difícil para Moisés adquirir responsabilidade.

Ela confirma a opinião de Bartolomeu, sendo a que mais se dedica em ajudar os filhos em suas dificuldades e relata que no início do ano, a escola estava sem material e os professores faltavam constantemente. Raquel mencionou que foi até a Escola e à Secretaria de Educação do município para averiguar a causa de tais problemas na escola do filho e afirma que precisou “brigar” pelos direitos de Moisés.

A respeito das experiências que acontecem na escola, Miriam relata que as drogas estão dentro da instituição de ensino e que em uma ocasião foi assediada por outras meninas, mas não deu outros detalhes sobre esses assuntos.

O desempenho escolar dos irmãos é diferente e Moisés apresentou um desenvolvimento mais lento e dificuldades para assumir sua vida escolar. Segundo a mãe a filha teve baixa significativa no processo de aprendizagem, de tal modo que ela foi chamada à escola pela professora para tratar desse assunto. Raquel identificou como causa dessa queda no rendimento escolar, o relacionamento que menina estava tendo com um colega de escola. Após a conversa, depois de um tempo ela deixou o relacionamento e seu rendimento escolar voltou a ser satisfatório.

Ainda sobre o desenvolvimento pessoal do filho, a mãe chega a reconhecer que o “mima” e até Miriam confirmou esse fato quando disse que a mãe não é tão exigente com o irmão.

Miriam e Moisés sempre estudaram em escola pública. Quando Raquel trabalhou em uma entidade perto de uma escola, no centro da cidade, levou Moisés para estudar no período da manhã. Um tempo depois, quando ela mudou de emprego, a escola não tinha vaga para o filho estudar à tarde e ele foi transferido para o período da manhã em uma escola perto de casa.

De acordo com a mãe ambos precisam melhorar no processo de escolarização. A filha precisa ter mais comprometimento em estudar e ela não acha necessário prestar a prova do ENEM e o filho precisa aprender a se concentrar para melhorar sua vida escolar.

Segundo Raquel as escolas públicas de Serrana não oferecem um estudo suficiente para ingressar no mercado de trabalho ou em uma faculdade. Ela diz que em Ribeirão Preto, de acordo com o pensamento das colegas de trabalho, há uma exigência maior e melhor qualidade de ensino.

Raquel e o marido pretendem que os filhos continuem estudando após o ensino médio e Miriam a princípio pensava em ser médica. A mãe apoia essa aspiração da filha, mas alertou-a que pelas condições do ensino em escola pública e por questões financeiras, ela deveria se empenhar muito e hoje ela pensa em ser psicóloga. Raquel, acredita que sua filha teria possibilidade de ser psicóloga, pois uma vez aconselhou uma colega da escola que havia engravidado a não abortar e vencer a barreira de conversar com os pais. Hoje a colega tem uma criança e se tornou a melhor amiga dela.

Raquel deseja que os filhos tenham uma formação escolar mais ampla e conversa com a filha, lembrando que história da família nunca foi fácil e que eles, os pais, conseguiram tudo com muito esforço. Dessa forma a mãe incentiva a filha a dedicar-se ao estudo para ter um futuro melhor.

Raquel não quis acrescentar nada ao que tinha falado, mas gostou de participar da pesquisa, pois a fez perceber que estava falhando um pouco sobre a escolarização dos filhos e que precisava melhorar sua maneira de acompanhá-los nos deveres escolares.

3.5 Família 4. Tiago e Rute: Natália e Carlos

Tiago, 39 anos, católico praticante, natural de Serrana, autodeclarado branco, com ensino médio, é operador de máquina. Casado com Rute, 35 anos, católica praticante natural

de Montalvânia-MG, autodeclarada parda, tem ensino médio e está desempregada, e a renda familiar é de três salários mínimos. O casal está junto há 17 anos e tem dois filhos: Natália, 14 anos, cursando o 9º ano do Ensino fundamental e Carlos, 9 anos, cursando o 3º ano do Ensino Fundamental.

Tiago trabalha como operador de máquinas há 8 anos na Usina da Pedra e sua rotina está sempre mudando devido a mudanças constantes dos horários de turno. Ele afirma que devido aos compromissos de trabalho acaba vendo pouco a família. Quando está em casa gosta de conviver com a família, durante a semana pratica o ciclismo, aos finais de semana costuma ir ao parque e realizar passeios com a esposa e filhos. Geralmente, à noite a esposa e ele participam das reuniões da igreja católica.

A respeito do diálogo com os filhos, o pai relata que conversa muito com eles, corrigindo e tentando ensinar “o certo e o errado”, procura sempre explicar como o estudo era “rígido no seu tempo” e que agora está mais “liberal” e afirma não ter um filho preferido e que trata todos igualmente. Já a relação entre os filhos é de muito amor e ciúmes.

Segundo Tiago, Rute participa mais da vida escolar dos filhos. Sobre as experiências que acontecem na escola os filhos conversam um pouco com o pai, entretanto conversam mais com a mãe.

De acordo com Tiago os filhos não apresentam diferença no desempenho escolar. Contudo, na visão do pai, Carlos tem bom desenvolvimento no processo de aprendizagem, mas apresenta resistência para realizar os deveres na escola e na família e as professoras, já comunicaram os pais sobre essas resistências. Ao contrário, Natália nunca apresentou dificuldades nos estudos e sempre foi boa aluna. Embora Tiago participe menos na vida escolar dos filhos, considera que ele e a esposa incentivam os filhos no processo de escolarização.

Diferentemente do que ocorre em outras famílias entrevistadas Natália iniciou seus estudos em escola pública, passou a estudar em escola particular e voltou para uma unidade escolar do estado. Carlos iniciou a vida escolar em uma escola do setor privado, mas por motivos financeiros, os irmãos estão cursando o ensino fundamental em escola pública.

Nos anos anteriores, Natália teve dificuldades no 7º ano, mas atualmente já as superou, segundo o pai, pelo fato de ter saído da escola particular no ano passado, e agora ela sobressai em relação aos outros alunos.

Quando foi indagado sobre a contribuição da escola na vida dos seus filhos, Tiago teve dificuldade em responder, mas considerou que a escola é a segunda casa e que o

ingresso no mercado de trabalho depende do desempenho do aluno. Ele explica que algumas crianças vão à escola para “bagunçar” e devem ir para aprender.

Quando se refere ao período posterior ao ensino médio, Tiago afirma que hoje é muito mais fácil estudar do que no seu tempo porque na sua época era muito difícil fazer um cursinho, mas hoje, por vários motivos e com apoio do governo, novas portas se abriram para os estudantes.

Carlos convive mais com familiares e um vizinho e costuma brincar mais dentro de casa e com vídeo game. Natália já convive com os amigos da igreja e participa de diversos espaços de socialização.

Diante das expectativas de futuro para filhos, os pais orientam os irmãos a se empenharem e não “deixar acontecer o que aconteceu com eles”. Nesse caso, o pai, se referia à falta de oportunidade de estudos que enfrentou.

Ao final da entrevista Tiago declarou ter sentido vergonha, porque não é uma pessoa de falar muito; entretanto, achou interessante participar da pesquisa.

Rute nasceu em Montalvânia-MG, e com, aproximadamente, oito anos mudou-se para Serrana. Ela era operadora de caixa em Serrana, mas está desempregada há três meses. Ao relatar sua rotina começa dizendo o que o filho estuda de manhã e a filha estuda no período da tarde. Quando ela trabalhava, ambos estudavam de manhã e ao término das aulas a irmã mais velha cuidava do irmão caçula.

Comentando o diálogo com os filhos, ela considera que conversa muito com eles, principalmente com Natalia por ser “uma mocinha”. Ela diz que trata de todos os assuntos, pois deseja o bem para os filhos. Sobre vida escolar da filha diz “que tudo que ela fizer vai ser bom para ela e não para mim, eu vou ficar muito feliz”.

Rute afirma que a convivência entre os irmãos é muito boa, que eles brigam, mas no final do dia já estão em paz e dormem juntos. Ela afirma que cada um tem o seu quarto, mas os irmãos acabam usando apenas o quarto da Natália. A mãe não diz que tem um filho preferido, mas declara que o filho, por ser mais carinhoso, é mais apegado. Talvez por isso e por conta da idade ela está mais junto dele.

Carlos necessita de mais ajuda nos trabalhos escolares por ser mais preguiçoso enquanto a filha tem mais autonomia e mesmo assim, às vezes, traz dúvidas para resolver com a mãe que ajuda os filhos nos deveres escolares.

Ela relata ainda que os filhos trazem para casa os assuntos que giram em torno das experiências na escola. Carlos comenta sobre vivências boas ou ruins com os colegas no recreio e Natália fala mais das notas.

No desempenho da vida escolar há diferenças. A mãe acredita que Carlos é capaz, mas não compreende porque ele não consegue se concentrar. Ela já o levou a uma consulta psicológica, no entanto, não se sabe ao certo a causa de desse comportamento. Quando ele não termina seu dever na escola, Rute retira o celular e o vídeo game até ele terminar as tarefas.

Quando surgem as dúvidas os filhos recorrem à mãe e à internet e conseguem resolver os problemas. Carlos tem mais dificuldades com os estudos e sempre é auxiliado pela irmã mais velha.

Rute relata a dificuldade de relacionamentos de Natália quando voltou para a escola pública e que os alunos eram intolerantes com ela, pelo fato dela vir de escola particular e querer estudar. Diante disso ela conversou com a diretora da escola, mas isso não teve nenhum efeito.

Segundo ela a filha foi vítima de preconceito e os alunos queriam agredi-la ao final das aulas e por isso a mãe tinha que buscar filha todos os dias na escola. Natalia voltou para a escola particular no segundo bimestre e somente em 2018, por questões financeiras, retornou ao ensino público, porém em outra escola da cidade.

Natália não gosta da escola atual, mas elogia os professores e gosta mais de Língua Portuguesa e Ciências e o filho demonstra preferir Educação Física, mas a mãe acredita que Carlos não gosta de disciplina, mas de brincar.

Rute acredita que o ensino que os filhos estão recebendo é bom, porém infere que as escolas públicas, a não ser na ETEC, não preparam para o ingresso no mercado de trabalho. Apesar disso, acredita que a escola pode contribuir para um futuro melhor para seus filhos e anseia que eles possam cursar o ensino superior. Ela acredita que os filhos terão um futuro brilhante, que irão casar-se, fazer uma faculdade e ter uma boa profissão.

Rute não quis acrescentar nada ao que já tinha dito e afirmou ter ficado muito nervosa durante a entrevista, mas afirma que participar da pesquisa para ela foi legal e interessante.

3.6 Família 5. Bento e Lúcia: Francisco e Clara

Essa família é composta por Bento, 35 anos, católico praticante, autodeclarado branco, com ensino médio e cursos profissionalizantes, caldeireiro, natural de Serrana- SP. Casado com Lúcia, 33 anos, católica praticante, cursando o Ensino Médio no modo de Certificação ENCEJA na Escola Anísio Teixeira em Ribeirão Preto-SP, empregada doméstica, natural de Serra Azul- SP. O casal já convive há 16 anos, a renda familiar é de 4 salários mínimos e tem

dois filhos: Francisco, 14 anos, cursando o 9º ano do Ensino Fundamental e Clara, 12 anos, cursando o 6º ano do Ensino Fundamental.

Bento já trabalha há mais de 10 anos em uma empresa da cidade. Nesse período de trabalho procurou aprimorar sua formação profissional com cursos profissionalizantes, tais como leitura e interpretação de desenho técnico, controle dimensional, tecnologia em metalurgia, curso de caldeiraria I, caldeiraria II e curso de AUTOCAD.

De acordo com Bento a rotina familiar corresponde ao contexto em que estão inseridos. Bento e Lúcia trabalham, que almoçam todos os dias em casa com seus filhos e além dos trabalhos remunerados prestam serviço a uma comunidade religiosa local duas vezes por semana para a preparação dos eventos religiosos. O pai também relata que gosta de sair duas ou três vezes por mês junto com a família para fazer uma refeição e conviver com os filhos.

Visando o relacionamento com os filhos, Bento pondera que não existem diferenças no que diz respeito à proximidade, entre ele e os filhos, porém ressalta que Francisco apresenta uma maturidade maior, e por isso, consegue estabelecer um diálogo melhor com o menino. A menina, Clara, na visão do pai é mais acessível, contudo, ela se apresenta mais resistente a orientações que são dadas para ambos.

O pai e a mãe concordam em afirmar que os filhos relatam algumas experiências na escola, relacionando a educação que recebem dentro de casa, com as vivências do ambiente escolar.

Bento relata:

A questão de também eles serem cristãos. Inclusive há pouco tempo atrás antes de terminar o ano letivo a Clara contou que um amigo escreveu algo na lousa perante a todos e ele escreveu errado, era uma palavra com j aí ele colocou com g, todo mundo começou a rir, aí ela falou “olha pai eu não ri, eu levantei e falei pra ele olha não é com g é com j, e aí eu voltei sentei e assim que terminou a aula a professora veio falar comigo agradecendo a atitude que eu tive perante aos outros amigos da sala”

No processo de escolarização, considerando o sucesso escolar, Francisco, o primogênito tem mais desenvolvimento por ter mais facilidade no raciocínio e concentração. Clara não tem as mesmas habilidades com os estudos por ser mais “elétrica”.

O pai durante a entrevista, considera que ofereceu a “mesma criação” para os filhos e esclarece que Clara nasceu em um período familiar muito conturbado, quando houve várias mudanças de moradia e sua ausência do âmbito familiar, por conta de trabalho, alegando pouco tempo para ficar com os filhos.

Bento e Lúcia, concordam que ambos, pai e mãe, se empenham em auxiliar os filhos com as dificuldades no estudo, mas também, afirmam que Lúcia é a mais dedicada nessa questão do acompanhamento. A princípio, quando ela não estava trabalhando, participava de todas as reuniões dos professores com os pais. Todavia não está mais presente nas reuniões e Bento algumas vezes participou de uma reunião do conselho de pais na escola.

Quando Bento é indagado sobre sua satisfação em relação ao ensino que os filhos recebem na escola, relata uma mudança drástica no sistema de ensino e descreve algo novo que não aparece nas outras famílias e um dado recente para as escolas públicas. A escola municipal em que Francisco e Clara estudam, assumiu integralmente o sistema de ensino do SESI. Segundo os pais, os filhos estão admirados com as apostilas e novas propostas. Devido às mudanças que aconteceram em 2018, os filhos demonstraram estar mais animados para estudar.

No que diz respeito às diferenças no processo escolarização dos filhos, o pai relata que Francisco tem uma facilidade maior no processo de ensino-aprendizagem, porque se concentra mais para a realização das tarefas. Bento considera que ambos os filhos são criativos, entretanto ressalta que Francisco tem melhor sucesso escolar.

O pai insiste em dizer que a dificuldade da filha nos estudos é devido ao pouco empenho de uma professora do ensino fundamental, pois com outra professora no período seguinte ele teve uma melhora significativa nas notas. Ele ressalta que a professora fez a diferença na vida de Clara.

Sobre futuro dos filhos, Bento diz que conversa sobre esse assunto com eles. Francisco costuma refletir com o pai sobre um futuro por meio de jogos online. O pai sempre explica para Francisco que isso é uma fase da vida e orienta o menino a cursar uma faculdade. O menino está pensando em cursar uma faculdade na área do conhecimento sobre informática. A menina, devido a ter afeição pelos animais, pretende ser veterinária.

Considerando que a qualidade do ensino na escola pública é precária Bento e Lúcia pretendem que os filhos façam um cursinho pré-vestibular, a fim de que possam ingressar em uma escola pública e se empenham muito para que ambos aprendam uma língua estrangeira e possam realizar um intercâmbio no exterior para aprimoramento de suas formações.

Desde a infância os filhos ingressaram no curso de inglês, apesar de os pais não terem muitas condições financeiras, pois ora o pai, ora a mãe viveram a experiência do desemprego.

Do ponto de vista da socialização dos filhos, Bento relata que ambos convivem mais dentro de casa, com amigos da igreja e alguns colegas de escola. Geralmente o pai retoma os

princípios familiares antes de levar os filhos para os eventos sociais, colocando limites de horário quando os leva a festas e comemorações de aniversário dos amigos.

Sobre a experiência ao participar da entrevista, Bento afirma que sua experiência foi muito importante, pois ao tentar responder as perguntas, ‘passou um filme’ da história familiar que permitiu a ele refletir sobre a forma do cuidado parental dos filhos, recordando a aprendizagem com os erros e se alegrando com os acertos.

Quando relata o ritmo diário da família Lúcia acentua o cuidado que o marido tem em levar e buscar os filhos na escola, enquanto ela deixa o almoço preparado para a família. Ao final do dia, os pais e os filhos sempre tomam café e jantam juntos e após as refeições costumam fazer suas orações para finalizarem a jornada diária. Em alguns dias o casal realiza alguns trabalhos na comunidade religiosa local.

De acordo com a visão da mãe, o relacionamento entre os irmãos é tranquilo, mas com costumeiras divergências, próprias da idade. Os pais não divergem quando falam do relacionamento com os filhos, afirmam igualmente sobre a agitação de Clara e a tranquilidade de Francisco e a mãe chega a declarar sua maior proximidade com Francisco, alegando identificação interpessoal. Por outro lado, diz que preocupação é maior com Clara, devido à desorganização pessoal da filha.

Em relação ao processo de escolarização, Lúcia aponta que tanto ela quanto Bento participam por diferentes meios nesse processo, porém, mesmo tendo menos estudo que Bento, ela se dedica um pouco mais ao acompanhamento das tarefas escolares e quando não trabalhava, participava das reuniões de pais na escola.

Francisco e Clara sempre trazem para conversas com os pais as experiências vivenciadas na escola. Segundo os filhos existem muitas brigas ao término das aulas e geralmente comentam de situações corriqueiras das salas de aula, tais como bagunça, falta de compromisso dos alunos e sobre o humor das professoras.

Comparando o desempenho escolar de ambos, Lúcia concorda com Bento que Clara tem mais dificuldade e atribui a duas questões: a preguiça e falta de concentração. Lúcia comenta que em ação conjunta com o marido, procuram sempre conversar com os filhos, reforçando os pontos positivos, mesmo quando as notas deles poderiam ser melhores.

Sobre o futuro, considerando a qualidade insuficiente do percurso escolar que os filhos vivem hoje, Lucia menciona querer ajudá-los a realizar a vontade deles de morarem no exterior, preferencialmente nos Estados Unidos. Para isso, ela e o marido se desdobram para custearem o curso de Inglês, pois vislumbram no aprendizado desta língua estrangeira o caminho para alcançarem os objetivos.

Lúcia, ao final da entrevista, com breves palavras disse ter gostado de participar da pesquisa.

CAPÍTULO 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

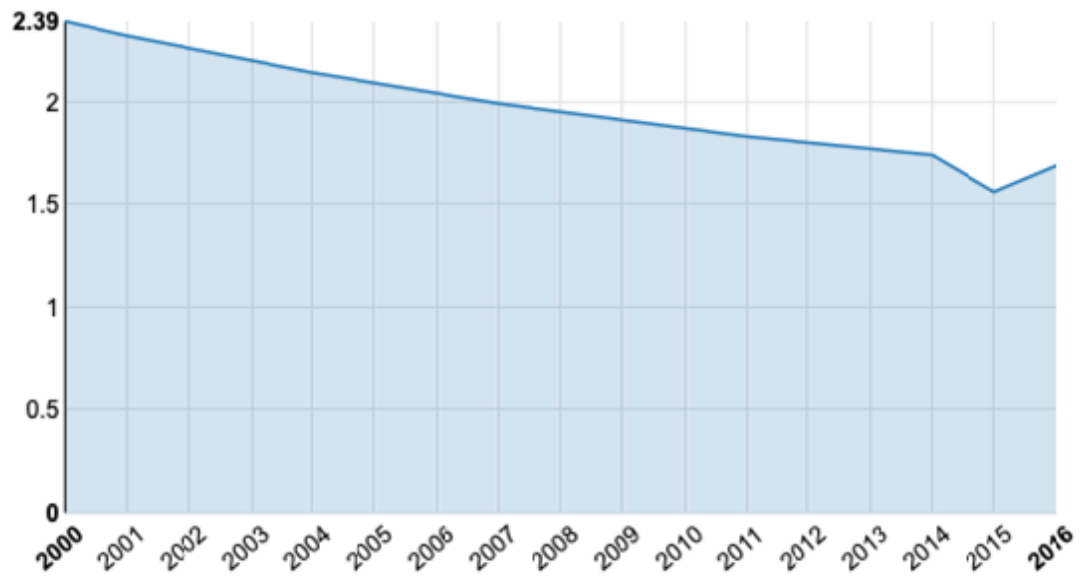
A análise dos dados obtidos em entrevistas foi guiada por referenciais teóricos da sociologia da educação e da antropologia. As informações são classificadas em temas compreendendo as práticas educativas parentais, focalizando, sobretudo, as diferenciações na socialização dos filhos.

4.1 Análise dos dados

Os dados obtidos têm como fontes as entrevistas, anotações em diário de campo e observações feitas pelo pesquisador, devido a seu contato frequente com as famílias, alunos e educadores no trabalho pastoral e ainda inclui dados secundários produzidos e divulgados por diferentes órgãos.

A procura pelos sujeitos de pesquisa não foi tarefa fácil. O objetivo era encontrar famílias nucleares, cujos filhos estivessem cursando o ensino fundamental e médio nas escolas públicas. A maior dificuldade foi encontrar famílias nucleares com mais de dois filhos de ambos os sexos presentes no ensino público, o que é compatível com as pesquisas do IBGE, que apontam o declínio da taxa de fecundidade para 1,69 filhos por mulher no período compreendido entre 2000 e 2016 conforme gráfico abaixo:

Gráfico 1. Declínio da taxa de fecundidade por mulher



Fonte: IBGE (2016)

Algumas famílias nucleares com proles maiores foram encontradas, mas não foram contempladas pela pesquisa, pois alguns filhos já estavam na faculdade ou no mercado de trabalho. Com isso, pesquisa ficou limitada a famílias em que os filhos têm idade de 9 a 16 anos mesmo quando eram do mesmo sexo.

Durante as entrevistas foi solicitado aos entrevistados que declarassem a cor, de acordo com as referências do IBGE. Assim, os dados sobre cor foram colocados para a diferenciação dos sujeitos e para explicitar essas características, esclarecendo-se que a pesquisa não se ocupará em analisar em profundidade tais dados. Entre os sujeitos encontra-se três negros, três pardos e dois brancos.

4.2 As fratrias e as unidades escolares

No município de Serrana-SP, há onze escolas públicas de ensino médio e fundamental, sendo oito municipais e três estaduais e duas escolas do setor privado. As famílias das camadas populares inserem os seus filhos no âmbito público de ensino; e os filhos de famílias de camadas média frequentam escolas do setor privado e as famílias de alta renda, devido à proximidade entre os municípios, enviam os seus filhos para estudarem em escolas privadas na cidade de Ribeirão Preto, visto que muitos consideram o ensino do local superior ao de Serrana.

Nas escolas da cidade pesquisada, a escolha da unidade escolar nem sempre é feita a partir do critério da distância entre casa e escola: frequentemente, os pais colocam os filhos em outras unidades e se utilizam de vans, para levar e trazer o filho da escola. Encontram-se alunos de todos os bairros em todas as escolas. Como o município não tem transporte coletivo, muitas pessoas oferecem esse serviço de transporte aos alunos.

Dentre os membros das famílias pesquisadas, somente Débora e Karina estudam na escola do bairro onde residem. Todos os outros alunos utilizam a van como meio de locomoção, exceto Francisco e Clara, pois o pai costuma levar e buscar os filhos.

Os dados apresentados a seguir sobre a convivência nas escolas foram coletados das experiências relatadas pelos filhos aos pais, outros dados surgiram a partir de conversa com professores e, além disso informações obtidas pelo pesquisador nos âmbitos externos das unidades escolares.

Em três escolas pode-se perceber maior tráfico de drogas na entrada e saída dos alunos. Dentre as experiências colhidas pelos pais e mães entrevistados, surgiu menção do uso de drogas dentro dos banheiros das escolas.

Outras experiências foram citadas, que abrem temas para outras pesquisas, como gravidez na adolescência, violência, *bullying*, desrespeito para com os professores e dificuldades nas relações humanas que dificultam o processo de ensino-aprendizagem.

4.3 Processo de Socialização e Escolarização

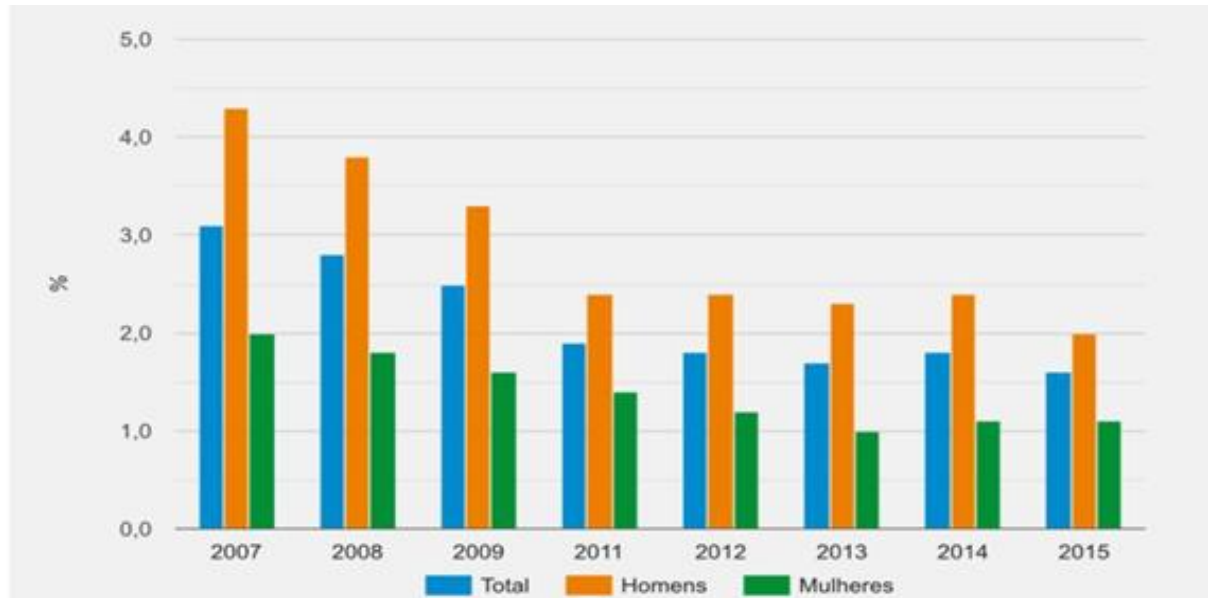
Observando os irmãos pesquisados, durante entrevista com os pais, percebe-se que os filhos primogênitos têm maior sucesso escolar como ocorre com Debora (F1), André (F,2), Miriam (F3), que tem melhor rendimento escolar que os irmãos mais novos.

Como os pais são inexperientes no exercício na paternagem e maternagem tendem a ser mais exigentes com os primeiros filhos. E dependendo do distanciamento na ordem de nascimento dos irmãos, o mais velho acaba por ser um filho quase único, como define Fernandes (2000), recebendo por um tempo atenção exclusiva dos pais. Entre os membros das fratrias pode-se citar Debora (F 1), e André (F 2), que viveram essa experiência de quase únicos por seis anos.

Carvalho (2003) em sua pesquisa sobre a relação entre gênero e sucesso escolar aponta uma vantagem das meninas sobre os meninos o que não ocorre com Clara (F5), pois sua trajetória escolar apresenta desvantagem em relação a a seu irmão Francisco. Contudo, a experiência das outras meninas das fratrias corroboram a pesquisa acima citada.

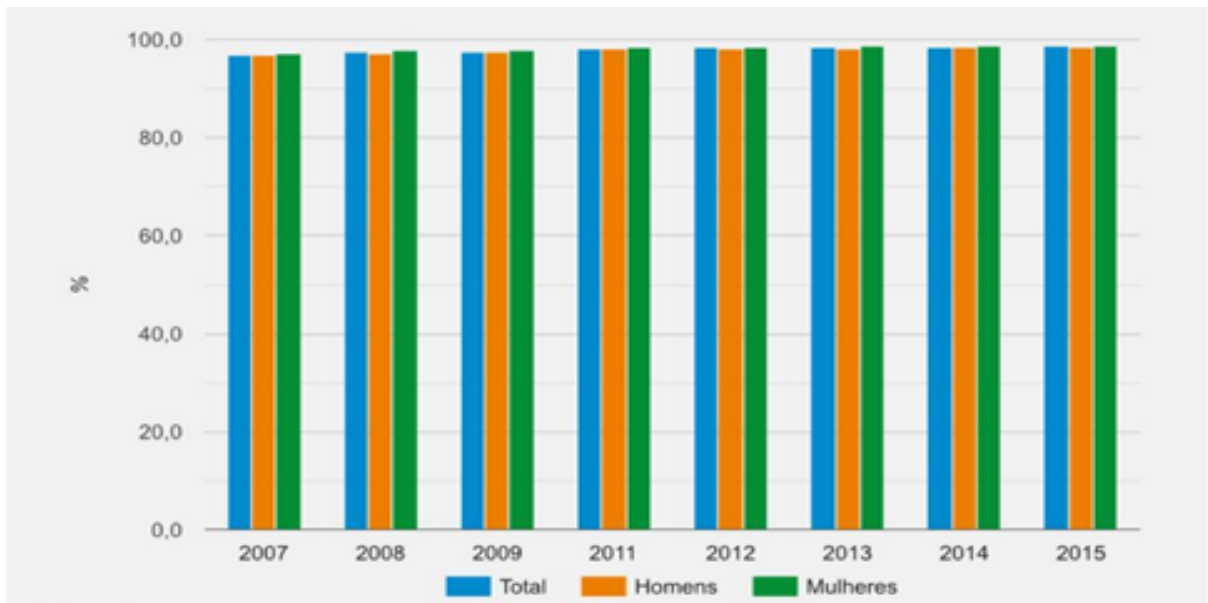
Os gráficos do IBGE, a seguir, mostram a taxa de analfabetismo e a de escolarização. Por um lado, no que se refere ao analfabetismo entre pessoas de 10 a 15 anos, com referência no ano de 2015, as mulheres obtiveram maior sucesso escolar que os homens. Por outro lado, no que diz respeito ao processo de escolarização entre pessoas de 6 a 14 anos, os homens quase se igualam as mulheres.

Gráfico 2: Taxa de analfabetismo das pessoas de 10 a 14 anos de idade



Fonte: IBGE (2016)

Gráfico 3: Taxa de escolarização das pessoas de 6 a 14 anos de idade



Fonte: IBGE (2016)

Em torno dessas análises muitas indagações abrem perspectivas para outras pesquisas tais como: no caso da fratria as mulheres tiveram sucesso escolar somente quando foram as primogênicas? Há um tratamento diferenciado quando elas não vêm primeiro lugar na ordem de nascimento da fratria? Embora as mulheres tenham sucesso escolar maior que o homens, por que ainda existe a desigualdade na oportunidade de trabalho e maior renda?

Olhando as famílias a partir da perspectiva sobre capital cultural (BOURDIEU (1998^a) pode-se levantar a suposição de que na família de Maria e Pedro (F 1), a importância do fator cultural sobressai sobre o fator econômico, pois mesmo sendo a família com menor renda, a formação cultural de Maria, que optou deixar o trabalho remunerado para cuidar das filhas, favorece as meninas no processo de ensino aprendizagem, de tal modo que a experiência da educação escolar é vista como maior familiaridade, comparando com outras família de mesmo nível sócio econômico.

De acordo com as pesquisas (ROMANELLI, 2003; ROMANELLI 2012; BALARINI E ROMANELLI, 2012) a ordem do nascimento dos filhos influencia no processo de socialização e escolarização. Em todas a famílias participantes dessa pesquisa fica evidente essa influência.

Os pais durante as entrevistas demonstraram ter se dedicado de uma maneira mais intensa aos filhos primogênicos. Tudo isto corrobora os estudos de Balarini e Romanelli (2011) e Barroso (2008). Tendo em vista as informações adquiridas durante a pesquisa de campo, todos filhos mais velhos, sendo meninos ou meninas apresentaram maior desempenho no processo de educação familiar quanto no âmbito escolar, tal como foi expresso repetidamente pelos pais que apontavam tais diferenças entre os membros das fratrias.

André (F1) e Mírian (F3), por serem mais velhos assumiram responsabilidade no que diz respeito aos cuidados da casa, dos irmãos, da alimentação e até dos auxílios nas tarefas escolares dos irmãos mais novos.

Os estudos sobre fratria de Desplanques (1981), Blank, Devereux e Salvanes, falam sobre as vantagens do filho primogênito no desempenho escolar e Romanelli (2003), alternativamente, apresenta as vantagens dos filhos caçulas.

Durante as entrevistas, ambas as alternativas encontraram possíveis evidências, pois, na maioria das famílias, os pais relataram sobre o melhor desempenho na escola dos filhos mais velhos e considerando muitas vezes os mais novos como um tanto “preguiçosos”. Por outro lado, também foi relatado melhores condições econômicas e contribuição dos filhos mais velhos para o caçulas, que de favoreciam no processo de escolarização.

Considerando os dados obtidos na pesquisa de campo, foi constatado que nessa interação com os filhos, independentemente da questão de gênero, a maternagem tem maior incidência. Todavia, a paternagem também aparece, mas logo após a iniciativa das mães.

As mães são as primeiras a ajudarem seus filhos tanto na escolarização - presença na escola e auxílio nas tarefas de casa – quanto na socialização, pois as mães sempre colocam os filhos em contato com os outros agentes socializadores, tais como igreja, eventos familiares e até em alguns casos com os esportes. Os pais geralmente são inseridos no processo em segundo momento.

As relações familiares são dinamizadas tanto por vínculos afetivos, atos solidários emergenciais, apoio, proteção, quanto por tensões, conflitos e disputas. Foi comum ouvir informalmente, após a entrevista em pequenos relatos registrados no diário de campo, que nos momentos inusitados e emergentes: “a mãe sempre é a primeira que socorre... é para a mãe que eles/elas ligam primeiro...”. Isto denota maior liderança da mãe nos cuidados dos filhos. O pai é visto ainda mais como provedor do que cuidador, ou seja, a paternagem, tem aumentado, porém acontece ainda de uma forma menos expressiva. (ROMANELLI, 2011; PIOTTO, 2010; VAITSMAN, 1994)

Durante a coleta de dados, foi possível observar na composição das fratrias a inter-relação entre a ordem de nascimento, gênero e desempenho escolar. A influência da ordem de nascimento apareceu em todas as famílias pesquisadas, pois todos os primogênitos apresentaram maior desempenho escolar. De acordo com os sujeitos da pesquisa, exceto Clara (F5), todas as meninas por serem as filhas mais velhas demonstram um significativo sucesso escolar em relação aos irmãos, o que levanta a suposição de que a ordem de nascimento pode influenciar mais do que a diferença de gênero. Todavia, trata-se de um único caso em um conjunto reduzido e de famílias e que necessita ser melhor documentado por outros estudos.

Lahire (1997) considera imprescindível reconhecer as diferenças de gênero como diferenças plenamente sociais, pois ajudam no esclarecimento dos vários percursos escolares em uma mesma fratria. Entre os membros das fratrias dos progenitores pesquisados, encontram-se pares diversos, isto duas compostas com filhos do mesmo sexo, sendo uma de meninos, André e Mateus (F2) e outra de meninas Débora e Karina (F1) e outras três de composição mistas.

As fratrias pesquisadas, por meio das entrevistas com os pais, não trazem divergências com as pesquisas já realizadas. Do ponto de vista do sucesso escolar, com base nos dados obtidos tanto pelas entrevistas, quanto os registrados no diário de campo, corroboram vários

estudos (DESPLANQUES 1981; BLANK, DEVEREUX E SALVANES 2004) que apontam os filhos primogênitos com melhores desempenho escolares.

Quando os pais são questionados sobre o principal motivo da diferença em relação ao desempenho escolar dos filhos mais novos se utilizam vários argumentos, como constam dos relatos abaixo.

A Clara tem, eu acredito assim, eu nunca a levei pra levar pra ver isso, mas ela tem dificuldade de concentração, ela tem dificuldade em se concentrar nas coisas... eu fico cobrando ela sempre porque ela tem esses altos e baixos dela, uma hora está lá em cima, outra hora se distrai totalmente a cabeça, ela tem uma distração um pouco diferente, ela é mais elétrica. Bento (F5):

Na verdade, a gente tá fazendo os exames nele (Mateus)...[...] passando no médico, no psicólogo né, porque a gente tá tentando descobrir o porquê..., mas a médica pediatra dele acha que é porque ele teve convulsão, ele tomou quatro anos de remédio controlado, então ela acha que... ela me falou que as crianças quando tem convulsão e toma remédio controlado às vezes elas ficam mais lentas, mais devagar.” Madalena (F2)

De modo diferente dos pais acima, os outros progenitores afirmaram como a causa das diferenças no desempenho escolar a preguiça ou a falta de interesse dos filhos. Muitos não conseguem considerar que possivelmente foram mais exigentes com os primeiros filhos, o que remete ao fato da inexperiência de paternagem e de maternagem, conforme tem apresentado em algumas pesquisas. (ROMANELLI, 2009; ROMANELLI, 2013)

Durante a pesquisa, tendo vista o acompanhamento da vida escolar das irmãs, Maria (F1) ganha destaque para confirmar a pesquisa de Martuccelli (2007). Embora sua origem social seja de camadas populares, por influência do pai ela adquiriu maior capital cultural, o que corrobora teoria de Martuccelli sobre a origem social e a escolaridade da mãe determinam a trajetória escolar as filhas. Ao mesmo tempo a atuação de Maria reforça a análise de Bourdieu (1998a) sobre a importância do capital cultural na escolarização da prole.

Além disso, Madalena e João (F1), citam a ampla participação dos avós no processo de escolarização dos filhos que confluem com os dados da pesquisa de Lobo (2009) quando apresenta influência socializadora intergeracional por parte dos avós como expressa Maria:

Pesquisador: Quando existe alguma dificuldade vocês têm quais recursos para isso? No caso dentro de casa e fora de casa, quais são os recursos que eles utilizam?

Madalena: Sempre assim... eu vou na escola converso com a professora, ela me explica o que eu tenho que fazer, eu faço ele passar a psicóloga e quando ele vai no final de semana pra minha sogra e ele tem prova na segunda, a minha sogra ajuda ele... os meus sogros ajudam ele.

Pesquisador: Então sogros ajudam também?

Madalena: Sim, os meus sogros ajudaram muito na educação do Pedro e na escola também, o Pedro ficou com a minha sogra sempre...

Na relação entre pais e filhos e as influências sobre as trajetórias nos espaços de escolarização e socialização, as pesquisadoras Sellenet e Paque (2013) trazem uma indagação instigante e paradoxal: Existe um filho favorito? Se tem uma criança favorita, isto é um benefício ou um fardo. (SELLENET E PAQUE, 2013; SELLENET, 2014, tradução nossa).

Exceto Raquel (F3), todos os sujeitos participantes da pesquisa, no primeiro momento, afirmam o tratamento igualitário e excluem a possibilidade do favoritismo. Alguns até se justificam pela via da afinidade, por ser um termo mais “socialmente aceito”. Pode-se citar alguns indicadores do possível favoritismo, a saber: mímica física ou psíquica, “afinidades”, “preferência vencedora”, projeção pessoal na criança mais brilhante; variáveis de sexo, lugar na família, carreira biográfica, uma possível deficiência, o favorito pode ser também o filho particularmente “fácil” de criar o que faz os pais se sentirem competentes desde o início. (SELLENET, 2014, tradução nossa)

Vejamos alguns relatos:

Pesquisador: Com qual dos filhos você têm mais proximidade? Por quê?

Pedro (F1):

Filhos tem que ser tudo igual, mas as vezes a gente acaba ficando um lado, fica mais do lado de uma, eu fico mais com a pequena né, mas filho é tudo igual...

João (F2):

Não são todos iguais pra mim, todos iguais, o mais novo ele é um pouquinho mais trabalhoso nos estudos, então a gente acaba dando um pouco mais de atenção pra ele para ver se ele se aprofunda mais nos estudos.

Madalena (F2):

Não eu amo os dois iguais, eu pego mais no pé do André, mas eu acho que é porque ele é mais velho e eu pego mais no pé dele.

Bartolomeu (F3)

Relacionamento que eu falo eu tenho com os dois, mas eu falei da Letícia por causa da idade dela, o Leonardo é mais centrado... não é que é mais centrado, ele é muito mais amoroso que a Letícia, mas eu acho que como ela ser filha mulher, então eu tenho mais um olhar sobre ela assim, mas o menino é mais sossegado, de boa.

Raquel (F3):

Eu tenho mais a proximidade com o menino...Eu acho que ele é mais dependente de mim, não sei se pela idade, ele é mais dependente de mim. A Míriam já consegue, apesar que desde pequena, não sei se é porque eu sempre trabalhei e ela depois que

Moisés nasceu teve que me ajudar, então ela sabe o que ela tem que fazer, então ela se desenvolveu em duas coisas sozinha.

Lúcia (F5):

Assim...eu e Francisco nós somos do mesmo jeito, eu sou mais calma e ele é mais calmo. A Clara é mais agitada então ela o Bento se identifica mais, porque os dois são parecidos, então eu acho que eu e Francisco somos mais parecidos...

A seguir, serão apresentados em quadro, de forma breve os indicadores do favoritismo dos pais.

Quadro 2: Filho favorito entre as famílias entrevistadas

Pai/mãe	Filho(a) favorito(a)	Motivos da preferência
FAMÍLIA 1 Pedro	Karina	Lugar que ocupa na família: filha mais nova
FAMÍLIA 1 Maria	“Nenhuma”	Não deixou claro a respeito do favoritismo. A filha mais nova é mais dependente da mãe
FAMÍLIA 2 João	Mateus	Uma possível deficiência cognitiva (Esse dado é corroborado no relato da mãe).
FAMÍLIA 2 Madalena	André	Lugar que ocupa na família: o filho mais velho
FAMÍLIA 3 Bartolomeu	Mirian	Variante de gênero: por ser menina
FAMÍLIA 3 Raquel	Moisés	Lugar que ocupa na família: filho mais novo
FAMÍLIA 4 Tiago	“Nenhuma”	O sujeito pesquisado respondeu as questões de forma muito breve e direta. Não foi possível uma melhor análise.
FAMÍLIA 4 Rute	Carlos	Lugar que ocupa na família: filho mais novo
FAMÍLIA 5 Bento	Francisco	Filho mais “fácil” criar e autoproteção social
FAMÍLIA 5 Lúcia	Francisco	Identificação: mímica psíquica

o favoritismo em relação a um dos membros da fratria, seria ainda necessário um acompanhamento por um período maior, visando o aprofundamento sobre a temática e o desenvolvimento dos irmãos nas famílias pesquisadas.

As relações entre pais e filhos podem influenciar na trajetória escolar da prole. (PIOTTO 2010; ROMANELLI 2004, 2013). Entre todos os irmãos relacionados nessa pesquisa, o favoritismo de Francisco (F5) é o mais evidente e o impulsiona processo de escolarização. De acordo com as perspectivas de análise de Bourdieu (1997), Piotto (2009) Sobreira, (2012) e relacionando com os dados obtidos nas pesquisas de Sellenet (2014, tradução nossa), Sellenet, Paque (2013), pode-se afirmar que o favoritismo tende a ser

reproduzido no ambiente escolar. O filho preferido, tal como o filho único ou quase-único, tal como classifica Fernandes (2000), pode ter um maior sucesso escolar, desde que os veredictos escolares não sejam totalmente contrários aos veredictos dos pais.

O presente estudo sobre as fratrias no processo de escolarização e socialização não pretende esgotar a reflexão sobre irmãos na relação com a família, a escola e outros agentes socializadores. Contudo o intuito consiste em incentivar mais estudos sobre novas perspectivas a partir da análise do meandro entre a família e a escola, tendo com o recorte epistemológico a relação dos irmãos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da análise dos dados pode-se compreender de forma mais aprofundada a dinâmica interior da vida familiar, considerando seus *habitus* e elucidando as questões complexas das fratrias. Embora a análise tenha sido construída a partir da perspectiva dos pais, o estudo e não dos filhos este trabalho procurou apontar caminhos na análise das relações entre pais e filhos do mesmo gênero e de gêneros distintos.

Para chegar a algumas proposições analíticas é fundamental considerar que o número de filhos por família vem diminuindo o que conseqüentemente reduz o número de componentes das fratrias o que resulta em novas modalidades de convivência entre pais e filhos e entre irmãos.

Paralelamente outros arranjos familiares têm se multiplicado com o aumento de famílias recompostas e com a introdução de padrastos, madrastas e enteados sendo que estes últimos passam a compor fratrias diversas nas quais as relações entre os integrantes dessas constelações familiares adquirem novos contornos com a criação de relações de parentesco entre irmãos, meios irmãos e quase irmãos.

Além disso, registram-se também crescimentos de famílias matri e patrifocais, nas quais as relações entre o genitor residente e aquele ausente desencadeiam novas formas de relacionamento entre estes e seus filhos e entre irmãos filhos de diferentes mães e pais.

Assim, se por um lado fratrias numerosas de famílias nucleares, bastante comuns no Brasil até cerca dos anos 1960, tendem a passar por um processo de redução de seus integrantes, por outro lado as relações entre irmãos, meios irmãos e quase irmãos frutos de famílias recompostas, matri e patrifocais, tendem a criar novas questões e problemas tanto para seus integrantes, vale dizer, pais e mães e irmãos de diversas fratrias, quanto para as áreas da ciências humanas e sociais e, em particular para o campo da sociologia da educação.

O impacto da redução de fratrias numerosas nas famílias nucleares também repercutir nesta pesquisa de campo. A primeira dificuldade foi encontrar famílias nucleares com dois ou mais filhos, cujos irmão estivessem estudando no ensino fundamental ou médio pertencentes às camadas populares. Quando se encontrava uma família nuclear com mais de dois filhos, um dos irmãos já estava no ensino superior, no ensino técnico ou no mercado de trabalho.

Pais e mães cuidaram e socializaram os filhos individualmente e em conjunto. Muitas vezes, prevaleceu a orientação materna, devido ao fato do processo de maternagem ser mais atuante que o da paternagem. Geralmente o pai é considerado mais como provedor e menos presente na socialização e nas relações com os filhos devido a suas ocupações de trabalho.

A origem social e escolaridade do pais, principalmente da mãe, por estar mais presente na vida dos filhos, são dados constitutivos para dinâmica interior da família, e influenciam na escolarização e socialização dos irmãos. As famílias geralmente contam com duplo rendimento. De acordo com os dados obtidos na pesquisa, apenas uma mãe deixou o trabalho para cuidar dos filhos e outra mãe estava desempregada. Um fato de destaque na pesquisa consiste em que, entre as famílias pesquisadas, a mãe que tem a maior escolaridade, sendo pertencente da família de menor renda não está inserida no mercado de trabalho e optou por cuidar das filhas.

De um lado, os resultados desta pesquisa corroboram estudos anteriores que apontam a maior presença das mães no acompanhamento da vida escolar dos filhos e com mais disponibilidade para acompanhá-los nos deveres de casa. Por outro lado, os relatos do pai indicam como estes também participam da socialização e da escolarização, seja de modo direto no relacionamento e nas conversas com os filhos seja no diálogo com as mães para tomada de decisões conjuntas quanto aos modos de socialização e de acompanhamento da vida escolar da prole. Certamente há variações entre a atuação do pai nas cinco famílias, e é importante ressaltar a postura de Bento (F5) e seu empenho na escolarização dos filhos.

Visando um futuro melhor para os filhos, os genitores colocam sempre como sonhos ou metas que os filhos pelo menos adquiram um capital cultural objetivado mediante o processo de escolarização. No entanto pesquisas diversas já demonstraram que os filhos muitas vezes não seguem a trajetória sonhada pelos pais.

Os sujeitos entrevistados querem que seus filhos tenham “aquilo que eles não tiveram” um diploma do ensino superior. Muito embora essa meta seja uma grande conquista atualmente, considerando a conjuntura socioeconômica social vigente, um diploma universitário pode não resultar em uma mobilidade social almejada, sem mencionar que muitos jovens hoje recebem uma formação em uma área específica do conhecimento e acabam ingressando no mercado de trabalho em outro campo técnico ou científico.

No que diz respeito ao cuidado dos filhos, os pais relataram dificuldades quanto a influência de novas tecnologias de informação, como o *smartphone*, dentro do processo de socialização e escolarização. Tal dado é relativo, não sendo possível fazer afirmações

generalizadas quanto ao tema, visto que o mesmo está restrito aos participantes de presente pesquisa, sendo necessário novas investigações com famílias com perfis diversos.

No caso específico deste trabalho, é possível supor que o tempo de uso das novas tecnologias não está relacionado diretamente às dificuldades de socialização e escolarização, tendo em vista que a família cujo uso de celular é permitido apenas nos finais de semana apresenta os mesmos impasses daquelas famílias cujos filhos fazem uso indiscriminado do aparelho.

Tal informação aponta um elemento que pode ser estudado de forma mais aprofundada: a relação entre o uso das novas tecnologias como um empecilho para o processo de socialização pela família. Embora na maioria das vezes, os pais apontem como fatores determinantes causas de ordem psíquica, falta de interesse, preguiça e ausência de “dom” para o estudo, acredita-se ser importante analisar a questão a partir de uma pesquisa mais abrangente. Entretanto, este não é o objetivo do presente estudo.

Considera-se que ainda, de acordo com os dados levantados, tendo em vista a delimitação investigativa da pesquisa, os filhos primogênitos apresentaram sucesso escolar maior que os filhos mais novos. Além disso os pais transmitem aos filhos, mais velhos, sendo meninos ou meninas, a responsabilidade de cuidarem dos filhos mais novos, durante o período suas ausências devido ao trabalho.

Logo, os filhos primogênitos recebem dos pais uma dupla tarefa, o cuidado de si e do outro membro da fratria, o que tende a impactar seu processo de socialização e escolarização, podendo gerar fatores determinantes para um ingresso precoce no mercado de trabalho ou ter um significativo progresso nos estudos posteriores, tendo vista uma formação acadêmica e a mobilidade social.

Todavia esta suposição deve ser considerada com cautela devido ao reduzido número de famílias estudadas. Por isso, a necessidade de outras investigações que podem ampliar os resultados deste trabalho.

Quanto à relação de gênero e sucesso escolar apenas uma das filhas das famílias estudadas diverge das considerações relatadas acima. De acordo com vários estudos as meninas sempre demonstram vantagens no processo de escolarização em relação aos meninos. O que pode justificar tal divergência seria a ordem de nascimento, por ser a filha mais nova e pelo fato do veredito dos pais que reafirmam a vantagem do filho mais velho, sendo ele mais “fácil de criar”, o que denota um certo favoritismo. Torna-se evidente que a posição ocupada pelos filhos influencia o processo socializador e, conseqüentemente, na escolarização.

Novamente convém ressaltar que tal interpretação não pode ser generalizada, mas deve ser melhor estudada na comparação com outros estudos voltados para a análise dessa dimensão do rendimento escolar.

Durante a pesquisa, um tema enigmático e paradoxal abordado foi a respeito do favoritismo dos pais em relação os membros da fratria. Nas conversas familiares seja durante momentos de descontração, após o encerramento formal da entrevista, seja quando pais e mães relatavam situações de conflito e emergência com frequência a ideia da existência da preferência dos pais por um filho ou filha, em detrimentos dos outros. Logo, a relação entre pais e filhos não é homogênea e alguns fatores dessa relação influenciam a trajetória escolar dos filhos. Por exemplo o favoritismo, pode contribuir para o sucesso escolar do filho(a) preferido(a), desde que os veredictos escolares não promovam um processo inverso.

Em contrapartida, geralmente os pais insistem em afirmar que tratam todos os filhos de modo igualitário. No entanto e paralelamente a tal declaração, alguns genitores chegam a justificar a preferência por mera questão de afinidade com um dos filhos por se tratar de uma justificativa mais facilmente aceitável do ponto de vista social, considerando se tratar de tema bastante polêmico.

Justamente por estarem totalmente envolvidos na dinâmica familiar e sendo influenciados pelo *habitus*, tanto pais quanto filhos não conseguem identificar uma linha histórica para perceber que pais, por vários motivos são diferentes a cada nascimento de um novo membro familiar, pois estão vivendo fases diferentes da vida. Normalmente, a partir do segundo filho, os pais apresentam mais tranquilidade e maturidade, o que pode explicar a diferença de tratamento entre a prole, por exemplo.

Conforme constado na presente pesquisa, considerando a complexidade da análise do interior da família foi possível encontrar alguns indicadores das preferências dos pais, tais como, pelo lugar que ocupa ou ordem de nascimento, por uma suspeita de deficiência cognitiva, por maior dependência do pais, pela intensificação psíquica ou ser “mais fácil “para criar, pela variante de sexo por ser menina e pelo fato da projeção de pessoal um filho.

A interpretação dos dados mostra perspectivas de análises das atividades parentais que apontam para novas pesquisas: as possíveis contradições entre a origem econômica, social e cultural e a dinâmica não estática do *habitus* familiar; o estudo de famílias recompostas ou de outros arranjos familiares para novas análises, considerando a fratria como eixo epistemológico, nas práticas cotidianas de maternagem e paternagem , no processo escolarização e socialização dos filhos e a temática complexa do favoritismo em relação aos membros das fratrias cujos estudos ainda são escassos.

Considera-se, finalmente, que esta pesquisa possa contribuir para ampliar o conhecimento sobre o processo de escolarização e socialização dos filhos em famílias de camadas populares, desconstruindo diversos conceitos cristalizados ou representações preconceituosas, naturalizadas e redutivas a respeito processo de paternagem e maternagem dos pais, que influencia o futuro escolar e social dos membros de uma fratria.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M.F. Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, RJ, Brazil: Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 41-52, 2005.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**/Philippe Ariès; tradução de Dona Flaksman. – 2.ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

BALARINI, F. B.; ROMANELLI, G. O processo de escolarização entre irmãos de acordo com a posição na fratria. **Práxis Educacional**, v. 8, p. 61-79, 2012.

BARROSO, M. Fratrias e gênero. Contributos para uma análise sociológica das relações fraternais. In: **VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**. Lisboa, 2008. Disponível em: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/550.pdf>>. Acesso: 06 mar. 2022.

BERGER. P. L.; BERGER, B. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACHI, M.M; MARTINTS, J. de S. (Orgs) **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980. P. 200-214.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A Pesquisa em Psicologia- análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z.M.M. (Orgs.) **Diálogos Metodológicos sobre a Prática em Pesquisa**.Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 135-157.

BLACK, S. E.; DEVEREUX, P. J.; SALVANES, K. G. **The more the merrier?** The effect of family composition on children's education. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 2004.

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.) **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 39-64.

BOURDIEU, P. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.) **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998a., p. 229-237.

BOURDIEU, P.Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.) **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998b. p. 71-79.

- BRAGA, M. J. O bom desempenho escolar em meios populares: um elemento para uma definição e alguns dados de pesquisa. **Sociologia da educação**, [S.l.], v.2, n.3, p.107-124, 2012.
- CANDIDO, A. A estrutura da escola. In: PEREIRA, Luiz; FORACCHI, Marialice Mencarini. **Educação & sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1967
- CARSTEN, J. Introduction: cultures of relatedness. In: CARSTEN, J. (Org.), **Cultures of relatedness**. New approaches to the study of kinship. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 1-36.
- CARVALHO, M.P.; LOGES, T.A.; SENKEVICS, A.S. Famílias de setores populares e escolarização: acompanhamento escolar e planos de futuro para filhos e filhas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 24, n. 1. p. 81-99. 2016.
- CAVALCANTI, V.R.S; BARBOSA, C.F. & CALDEIRA, B.V.S. A ética do cuidar e relações de gênero: práticas familiares e representação da divisão do tempo. **Estudos de sociologia**, v. 17, n. 32, p. 189-204. 2012.
- DESSEN, M. A, POLONIA, A. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 2007, 17(36), 21-32
- DESPLANQUES, G. La chance d'être ainé. **Économie et statistique**. n.137, p. 53-56, 1981.
- DUBET, F. MARTUCCELLI, D. A socialização e a formação escolar. **Revista Lua Nova**, p.40-4, 1997.
- DURHAM, E. R. Família e Reprodução Humana. In: **Perspectivas Antropológicas da Mulher 3** (B. Franchetto, org.). Rio de Janeiro: Zahar, pp. 13-44. 1983.
- FAVART, Évelyne. **Désigner les frères et sœurs: différences lexicales et sémantiques**, Informations sociales. 2012/5 n. 173, p. 8-11.
- FERNANDES, O. M.; ALARCÃO, M.; RAPOSO, J. V. Posição na fratria e personalidade. **Estudos de psicologia**, v. 24, n.3, p. 297-304. 2007.
- FISCHER, M.C.B. et al. Problematizando a Exclusão Produzida pela Matemática. In: VIII Encontro Nacional de Educação Matemática, Recife, 2004. **Anais do VII ENEM**. Disponível em: <<http://www.sbembrasil.org.br/files/viii/pdf/13/MR23943432068.pdf>>. Acesso em: 24 jul 2020.
- FREITAS, W.M.F. et al. Paternidade: homem no papel social de provedor. **Revista Saúde Pública**, v .43, n.1, p.85-90, 2009.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade pessoal**. Oeiras: Celta, 1994.
- GLÓRIA, D. M. A. **Uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias**. Belo Horizonte, Tese (Doutorado em Educação). UFMG, Faculdade de Educação, 2007.

GLÓRIA. D. M. A. Relação entre escolaridade e diferenças constitutivas da fratria. **Paideia**, 2005, 15(30), 31-42.

GLÓRIA. D. M. A. O lugar ocupado na fratria e sua influência na escolarização: o primogênito tende a ser favorecido. **Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED**, 33^a, Caxambu- MG, 2010.

GOMES, A.J.S.; RESENDE, V.R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.20, n.2, p.119-125. 2004.

GOMES, J. V. Família e Socialização. **Psicologia USP**. v.3 n.1-2 São Paulo, 1992. Artigos originais. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771992000100010>. Acesso em: 10 Abr 2022.

ITABORAÍ, N.R. **Mudanças nas famílias brasileiras (1976-2012)**. Uma perspectiva de classe e gênero. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

KRISTENSEN, P.; BJERKEDAL, T. **Explaining the relation between birth order and intelligence**. National Institute of Occupational Health, N-0033 Oslo, Norway. Disponível em: <www.sciencemag.org/cgi/content/full/316/5832/1717/DC1>. Acesso: 27 jul. 2021.

KLUGER, J. The New Science of Siblings. **Times Magazine**. 2006. Disponível em: <<http://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1209949,00.html>>. Acesso em: 07 Abr 2022.

LAHIRE, B. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LEAPER, C. Parenting Girls and Boys. In M. Bornstein (Ed.), **Handbook of parenting**: Vol. 1: Children and parenting, pp.189-225, 2nd ed. 2002.

LETT, D. **Les fratries dans l'histoire**. Informations sociales 2012/5 n. 173, p. 13-22.

LOBO, C. **Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares**. *Sociologia*, n.59, p.45-74.2009.

MAGALHÃES, M. O. Relação entre ordem de nascimento e interesses vocacionais. **Estudos de psicologia**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 203-210. 2008.

MANFROI, E.C.; MACARINI, S.M.; VIEIRA, L.V. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.21, n. 1. 2011.

MARCHI, R.C. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. **Cadernos Pagu**, 37, p. 387-406, 2011.

MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MARTUCCELLI, Danilo. **Grammaires de l'individu**. Paris: Gallimard, 2002

MARTUCCELLI, Danilo. **Lecciones de Sociologia del individuo 2**. 2007. Disponível em: <https://repositorio.pucp.edu.pe/index/handle/123456789/52674>.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação & sociedade**. Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, 2005.

MORAES, M.L.Q. A. A nova família e a ordem jurídica. **Cadernos Pagu**, 37, 2011, 407-425.

NOGUEIRA, M.A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contradições. **Educação e Sociedade**, n.78, p. 15-36. 2002.

NOGUEIRA, M.A.; NOGUEIRA, C.M.M. **Bourdieu & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PEREZ, M. C. A. Família e escola na contemporaneidade: fenômeno social. **Revista Ibero-Americana de estudos em educação**, v. 4, n. 3, 2009

PIOTTO, D. C. Universitários de camadas populares em cursos de alta seletividade: aspectos subjetivos. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.11, n.2, p.229-242, 2010.

POITTEVIN, A. **Enfants de familles recomposées: Sociologie des nouveaux liens fraternels**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2006.

PORTES, E. A. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. 6.ed. Petrópolis, Vozes, 2011. p.61-80.

ROMANELLI, G.A entrevista antropológica: troca e alteridade. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z.M.M. (Orgs.) **Diálogos Metodológicos sobre a Prática em Pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 119-133.

ROMANELLI, G.Pais, filhos, alunos: famílias de camadas populares e a relação com a escola. In: PINHO, S. Z. (Org.) **Formação de educadores: o papel do educador e sua formação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 371-382.

ROMANELLI, G. Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.P.; VILELA, R.A.T. (Orgs). **Itinerários de pesquisa**. Perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro, Lamparina, 2011, p, 145-264.

ROMANELLI, G. Paternidade em famílias de camadas médias. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.3, n. 2, 2004, p. 79-95

SAMPAIO, I.T.A. Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: atualização. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v.17, n.2, p.144-152. 2007.

SELLENET, C. PAQUE, C.; **L'enfant préféré: Chance ou fardeau?** Paris: Belin, 2013

SELLENET, C. **L'enfant préféré, un tabou familial**. Le Monde. 20 mar. 2014. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/societe/article/2014/03/20/l-enfant-prefere-un-tabou>

amilial_4385894_3224.html#:~:text=Pour%20Catherine%20Sellenet%2C%20coauteure%20a vec,'un%20de%20leurs%20enfants%20%2C%20BB.&text=Lecture%205%20min.&text=Cela%20arrive%20aux%20parents%20plus,'osent%20se%20l'avouer.> Acesso em 27 fev. 2022

SETTON, M. G. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SETTON, M.G. **Teorias da socialização**: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade

SILVEIRA, L.M. O. B. O relacionamento fraterno e suas características ao longo do ciclo vital da família. In: WAGNER, A. (Org.) **Família em cena:tramas, dramas e transformações**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002, p. 93-112. T

SOUZA, A. P.; FILHO, M. J. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. **Revista Iberoamericana de Educación**: Universidade Estadual Paulista. São Paulo, n. 44/7, p. 1-8, 2008.

THÉRY, I. Les constelations familiales recomposées et le rapport au temps: une question de culture et de société In: MEULDERS-KLEIN, M-T. & THÉRY, I. (Orgs.). **Quels repères pour les familles recomposées?** Paris: Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence, 1995, p. 13-34.

TAVARES, C. M. M; NOGUEIRA, M. O. Relação família-escola: possibilidades e desafios para a construção de uma parceria. **Revista Formação@Docente**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 43-57, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas-izabela/index.php/fdc/article/view/309/336>>. Acesso em: 10 Abr 2022.

TAVARES, M. B. et al. Características de comportamento do filho único vs filho primogênito e não primogênito. **Revista brasileira de psiquiatria**, v. 26, n. 1, p. 17-23, 2004.

TEIXEIRA, I. A.C. Por entre planos, fios e tempos: a pesquisa em Sociologia da Educação. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto; VILELA, Rita Amélia Teixeira (Orgs.) **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TOLEDO, C. CARVALHO, M. Masculinidades e desempenho escolar: a construção de hierarquias entre pares. **Cadernos de Pesquisa** [online], v. 48, n. 169, pp. 1002-1023. 2018.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

WAGNER, A. Possibilidades e potencialidades da família. IN: WAGNER, A. (org.). (2002). **Família em cena**. Tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 23-38.

WATARAI, F. **Filhos, pais, padrastos: relações domésticas em famílias recompostas das camadas populares**. Tese de doutorado, FFCL-RP-USP, 2009.

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.).

Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p.17-44

APÊNDICES

APÊNDICE A

ROTEIRO DE ENTREVISTAS APLICADO SEPARADAMENTE PARA MÃES E PAIS

Primeiro módulo: Perfil dos pais

1. Qual sua idade?
2. Você sempre morou nesse lugar? (Se não, quais foram os outros locais e porque se mudou).
3. Moram mais pessoas na casa? (Idade, parentesco, escolaridade, trabalho, estudo ou desemprego de algum membro da família).
4. Qual é a sua profissão? Onde você trabalha?
5. Qual é a sua escolaridade? Você está inscrito em algum curso de formação profissional/educacional?
6. Poderia informar qual é o rendimento, conforme as seguintes faixas de valores?
 - Até R\$ 998,00 (valor correspondente a um salário mínimo)
 - De R\$ 998,00 até R\$ 1.1996,00
 - De R\$ 1.996,00 até R\$ 2.994,00
 - Acima de R\$ 2994,00 até R\$ 4990,00
7. Se você tem filhos que trabalham poderia informar qual o rendimento de cada um deles conforme as seguintes faixas de valores?

- Até R\$ 998,00 (valor correspondente a um salário mínimo)
- De R\$ 998,00 até R\$ 1.1996,00
- De R\$ 1.996,00 até R\$ 2.994,00
- Acima de R\$ 2994,00 até R\$ 4990,00

Segundo módulo: família e fratria

1. Quantos filhos você tem? Qual a idade e o sexo deles?
2. Como se desenvolve a rotina da vida familiar? O que fazem nas horas vagas?
3. Como é o diálogo com os filhos?
4. Como é seu relacionamento com os filhos?
5. Com qual dos filhos você têm mais proximidade? Por quê?

6. Qual é a sua participação no desenvolvimento escolar dos filhos? Quem mais ajuda os filhos em relação à vida escolar?
7. Você conversa com seus filhos sobre experiências na escola?

8. Existe alguma diferença de desempenho da vida escolar entre os filhos? Qual filho(a) tem mais dificuldade?
9. Há alguma explicação para as diferenças de desempenho ou fracasso escolar?
10. Se existe um certo fracasso escolar, quais são os recursos que vocês dispõem para a superação das dificuldades da vida escolar dos filhos?
11. Quem mais incentiva a melhorar desempenho escolar dos filhos escolares de alguma forma?

Terceiro módulo: Filhos(as)

1. Em qual escola seus filhos estudam? Eles já estudaram em alguma outra escola? Qual? Por que mudou?
2. Eles já tiveram alguma repetência? (Se sim, porque o atraso).
3. Eles encontravam alguma dificuldade nos estudos? (Se sim, quais).

4. Eles encontram alguma dificuldade atualmente? (Se sim, quais e se forem diferentes das anteriores como ele(a) percebe isso).
5. O que você acha da formação que eles recebem da escola? Do que eles gostam na escola? E do que eles não gostam?
6. Quais as disciplinas de que eles mais gostam? Por quê? E quais as disciplinas que eles menos gostam? Por quê?
7. Alguém acompanha os estudos deles ajudando com os deveres ou conversando sobre o que eles aprendem na escola? Quem?
8. Vocês estão satisfeitos com o ensino que eles estão recebendo?
9. Como vocês acham que a escola contribui para sua educação deles?
10. Como vocês acham que a escola contribui para eles entrarem no mercado de trabalho?
11. Vocês pensam que a escola pode ajudar eles a conseguirem um futuro melhor? Como? (Se não, porque).
12. Pretende que eles continuem estudando depois de terminar o ensino médio? Por quê? (Se sim, que curso eles pretendem fazer).
13. Afora as pessoas da sua família, com quem eles têm mais convivência? (Colegas de trabalho, escola ou pessoas em geral).
14. Como são essas pessoas? O que você acha delas? O que fazem juntos? Sobre o que conversam?
15. Vocês percebem alguma diferença na sua relação deles com os amigos e com sua família? (Se sim, quais são?).

Quarto módulo: Expectativas em relação ao futuro

1. Como vocês imaginam seus filhos no futuro? Já ajudaram eles pensarem em uma profissão? O que falam sobre esse assunto?
2. Vocês acham que o ensino que eles estão recebendo poderá ajudá-los nisso?
3. O que você considera que seja um bom futuro? (Com relação à família, trabalho, estudo, residência, colegas e amigos).
4. Seus filhos conversam com alguém sobre os planos deles? (Com quem e quem começa o assunto).
5. Há mais alguma coisa que você queira acrescentar ao que já disse?

6. Vocês poderiam dizer como se sentiu durante a entrevista e o que achou de participar da pesquisa?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Meu nome é Juliano Gomes, RG 32.657.330-6 e sou aluno do programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), sob orientação do Prof. Dr. Geraldo Romanelli e estou realizando a pesquisa **“FAMÍLIA E FRATRIA: SOCIALIZAÇÃO E ESCOLARIZAÇÃO DOS FILHOS”**.

Vou explicar a pesquisa e se tiver alguma dúvida é só dizer para eu esclarecer o que não tiver sido entendido.

O objetivo desta pesquisa é compreender como como mãe e pai, individualmente e em conjunto, orientam filhos e filhas em suas atividades e como acompanham e incentivam seus estudos para que tenham bom rendimento escolar. Sua participação é livre e depende exclusivamente de sua vontade em aceitar ou não este convite.

Caso o(a) senhor(a) estiver de acordo, a entrevista será gravada para garantir maior autenticidade na análise a ser feita posteriormente pelo pesquisador. A gravação da entrevista será mantida até o término da execução da pesquisa e após isso será descartada com o objetivo de preservar o sigilo das informações. A entrevista ocorrerá dentro de um período de 1 a 3 horas, em sua residência ou em outro local a combinar, a fim de lhe oferecer tranquilidade e privacidade.

Se durante a realização da entrevista ocorrer algum desconforto e se o(a) senhor(a) não se sentir à vontade para responder algumas perguntas poderá não as responder e pedir para não continuar com a entrevista, encerrando sua participação na pesquisa e isso não trará nenhum prejuízo.

O(a) senhor(a) será ressarcido em eventuais despesas e não receberá qualquer espécie de benefício, pagamento ou reembolso pela participação na pesquisa.

Como princípio ético de um trabalho científico, toda utilização dos resultados obtidos na redação de relatórios ou em comunicações científicas deverá ser realizada garantindo o total anonimato do(a) senhor(a) e de seus filhos, para evitar sua identificação. Os resultados obtidos também trarão valioso benefício para a comunidade científica e poderão servir de referência para atuação de docentes na escolarização de alunos integrantes de uma mesma fratria.

O(a) senhor(a) receberá uma via deste Termo de Consentimento, podendo tirar dúvidas acerca de sua participação e do projeto de pesquisa, entrando em contato comigo pelo telefone (16) 99623-6400 ou na Rua Nossa Senhora das Dores, 255, em Serrana, São Paulo-SP. Caso tenha eventuais dúvidas sobre as questões éticas do projeto, o(a) senhor(a) poderá entrar contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, situado na Avenida Bandeirantes, 3900 – Bloco 01 – Prédio da Administração – Sala 07 – 14040-901 – Ribeirão Preto- SP – Brasil. Fone: (16) 3315-4811 – Atendimento de 2^a a 6^a das 13h30 às 17h30. Email: coetp@ffclrp.usp.br

Assinatura do pesquisador:

Local e data: _____

Nome do participante: _____

Assinatura: _____

ANEXO 1



Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

Campus de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/131-dgfs.

Ribeirão Preto, 14 de dezembro de 2018.

Prezado(a) Pesquisador(a),

Comunicamos a V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado “**Família e fratria: socialização e escolarização dos filhos**” foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 187ª Reunião Ordinária, realizada em 13.12.2018, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE nº 97983418.0.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas. De acordo com a Resolução nº466 de 12/12/2012, devem ser entregues relatórios semestrais e, ao término do estudo, um relatório final sempre via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Patrícia Nicolucci
 Coordenadora

Ao(À) Senhor(a)
Juliano Gomes
 Programa de Pós-graduação em Educação da FFCLRP -USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
 Fone: (16) 3315-4811 Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 01 da Administração - sala 07
 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
 Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br